

ALFAGUARA



# Mario Benedetti

## Correio do tempo







ALFAGUARA

Mario Benedetti  
**Correio do tempo**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

ALFAGUARA



Mario Benedetti

Correio do tempo

Tradução  
Rubia Prates Goldoni

Copyright © 1999 Mario Benedetti  
*c/o Guillermo Schavelzon & Asoc. Agencia Literaria*  
info@schavelzon.com  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Objetiva Ltda.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

**Disponibilização:** Baixelivros.org

Título original  
*Buzón de tiempo*

Capa  
Silvana Mattievich

Imagem de capa  
Henrik Sorensen / Getty Images

Preparação de texto  
Elisabeth Xavier de Araújo

Revisão  
Rita Godoy  
Lilia Zanetti  
Rodrigo Rosa

Conversão para e-book  
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B398c

Benedetti, Mário

Correio do tempo [recurso eletrônico] / Mario Benedetti ; tradução Rubia Prates Goldoni. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

recurso digital

Tradução de: Buzón de tiempo

Formato: ePUB

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

123p. ISBN 978-85-7962-100-0 (recurso eletrônico)

1. Conto uruguaio. 2. Livros eletrônicos. I. Goldoni, Rubia Prates. II. Título.

11-5173. CDD: 868.993953

CDU: 821.134.3(899)-3

# Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Sinais de fumaça

    Sinais de fumaça

    Fim de semana

    Conciliar o sono

    Jacinto

    Cambalache

    Sonhou que estava preso

    Conversa

    O dezenove

    Não há sombra no espelho

    Assalto na noite

    Velho Tupí

    Os robinsons

    Mais ou menos hipócritas

    Ausências

Correio do tempo

    Correio do tempo

    Com os golfinhos

    Terapia de solidão

    Bolsa de viagens curtas

    A velha inocência

    A morte é brincadeira

    Um gosto azedo

    Secretária eletrônica

    Testamento holografo



As estações

As estações

Primavera dos outros

Nuvem de verão

Revelação de outono

O inverno próprio

Colofão

O acabou-se

*Aos amigos e companheiros  
da Casa de las Américas  
nos seus quarenta anos*

*Il tempo tutto toglie e tutto dà;  
ogni cosa si muta, nulla s'annichila.  
(O tempo tudo tira e tudo dá;  
tudo muda, nada se aniquila.)*

GIORDANO BRUNO

*Se não podes sonhar, sacode os baús  
empoeirados.*

FAYAD JAMIS

*Epistola enim non erubescit.  
(Uma carta não se ruboriza.)*

CÍCERO

Sinais de fumaça

## Sinais de fumaça

Quando te encontras no fio do escuro  
e lhe prestas honras dos teus ossos  
quando a alma puríssima do ócio  
pede socorro ao universo inútil  
quando sobes e desces da dor  
mostrando cicatrizes de outros tempos  
quando na tua vidraça está o outono  
inda não te despeças/ tudo é nada/  
são sinais de fumaça/ apenas isso

teu olhar de viagem ou de desertos  
se torna um manancial indecifrável  
e o silêncio/ teu medo mais valente/  
se vai com os golfinhos dessa noite  
ou com os passarinhos da aurora/  
de tudo ficam sinais/ pistas/ rastros  
marcas/ indícios/ signos/ aparências  
mas não te preocupes/ tudo é nada  
são sinais de fumaça/ apenas isso

no entanto nessas chaves se condensa  
uma velha doçura atormentada  
o vôo de umas folhas que passaram  
a nuvem que é de âmbar ou algodão  
o amor que carece de palavras  
os barros da lembrança/ a luxúria/  
ou seja que os signos pelo ar  
são sinais de fumaça/ mas a fumaça  
leva consigo um coração de fogo

## Fim de semana

Esperou o pai na porta da escola. Como toda sexta-feira. Desde o divórcio, Fernando morava com a mãe, mas os fins de semana eram do pai. Tinham resolvido a questão de maneira amigável, antecipando-se a qualquer imposição, sobretudo para o filho não sofrer com confrontos inúteis. Ele nunca chegava na hora, mas dessa vez demorou mais que de costume. Enquanto dividiu a espera com os outros garotos, Fernando não se preocupou, mas foram apanhando um por um, até que restaram só ele e o porteiro, um sujeito que, além do mais, detestava os alunos.

Finalmente Marcelo apareceu, meio esbaforido. Fernando se resignou a beijar o rosto paterno e suado. Não gostava disso, porque ficava com a boca úmida e tinha aprendido que era feio se limpar com a manga.

— Você estava nervoso?

— Não.

— Por favor, não conta para sua mãe que eu demorei. Só para ela não se preocupar. É que eu não conseguia me livrar de um cliente chato.

Não conta para sua mãe. Fernando não entendia por que ele não dizia: Não conta para a Luisa.

Pegaram um táxi até o restaurante de todas as sextas-feiras. Fernando nem precisava ler o cardápio. Permanecia sempre fiel ao bife com salada.

— Você não quer pedir outro prato?

— Não.

— Eu enjoaria de pedir sempre a mesma coisa.

— Mas eu gosto. Por isso não enjoô.

Marcelo cumpriu a obrigação paterna de perguntar sobre as aulas, as professoras, os colegas. Como eram as perguntas de sempre, Fernando apelou às respostas de sempre.

— De tudo que está aprendendo, do que você gosta mais?

— Das contas e dos contos.

Como acompanhamento para um humor tão primário, Fernando esboçou o primeiro sorriso daquela sexta-feira, e o pai não teve outro remédio senão rir.

A sobremesa também não teve novidades: sorvete de creme.

— E sua mãe, como está?

— Sozinha. Ela está sozinha.

— Bom, sozinha ela não está. Está com você, não é?

— É, claro.

Chegaram ao belo apartamento da Rambla, e Fernando foi para seu quarto. Marcelo lhe reservara esse espaço, onde, além da cama e outros móveis, havia brinquedos (um jogo de armar, um trenzinho elétrico) de uso e desfrute solitários. E uma pequena televisão. Na casa da mãe, ele também tinha um lugar só dele, com outros brinquedos, claro. Fernando gostava dessa faixa dupla no seu divertimento. Era como pular de uma região a outra, e vice-versa.

Brincou por algum tempo com o jogo de armar (montou uma coisa que, com boa vontade, lembrava um moinho), assistiu a um documentário sobre esquilos, cochilou um pouco, até que Marcelo o chamou do terraço.

Lá o aguardava uma novidade: uma moça, alta, loira, com o cabelo solto e de jeans, que Fernando achou bonita e simpática.

— Fernando — disse o pai —, esta é a Inés, uma boa amiga minha que também vai ser uma boa amiga sua.

A boa amiga disse apenas “oi!”, mas o puxou pelo braço para junto de sua cadeira de balanço. Deu-lhe um beijo suave, e Fernando notou com alívio que aquele rosto não estava suado. Gostou de que Inés não lhe perguntasse nada sobre a escola, as aulas, as professoras e os outros alunos. Em compensação, falou de filmes e de futebol. Ele achou incrível uma mulher entender tanto de futebol. Além disso, como quem não quer nada, disse que torcia para o Nacional. Ele também era *bolsiyudo*. Um bom começo. Marcelo, em compensação, era Peñarol, mas assistia àquela estréia satisfeito, como o autor clandestino de um bom libreto.

Inés trouxera uns pacotes de comida, portanto jantaram em casa. Depois viram um pouco de televisão (notícias sobre fome, enchentes e atentados), mas, como Fernando não conseguia ficar de olhos abertos, o pai o mandou para a cama, não sem antes recomendar que escovasse os dentes.

À meia-noite foi acordado por um barulho vindo do banheiro. Alguém tinha dado a descarga. Como a porta do quarto estava entreaberta, Fernando espiou pela fresta. Inés, de camisola, saiu do banheiro e entrou no quarto de Marcelo.

Fernando voltou para a cama e não pregou o olho por um bom tempo. Inés era bonita e simpática, e além disso torcia para o Nacional. Mas antes de

pegar no sono Fernando decidiu reafirmar sua lealdade a Luisa. A mãe dele não ligava para futebol, mas mesmo assim era mais bonita e mais simpática.

No sábado e no domingo, Fernando se divertiu com o pai e este com Fernando. Não era hora de fazer um balanço da situação. Como se o roteiro do filme tivesse acabado, Inés não falou mais de futebol. Estava tão calada, que no domingo à tarde Marcelo se aproximou dela, acariciou seu lindo cabelo e lhe perguntou se ela tinha alguma coisa.

— Nada de mais — disse ela. — Só preciso me acostumar.

Falou num sussurro, só para Marcelo, mas Fernando ouviu (sua avó sempre dizia: “esse menino tem ouvido de tísico”) e chegou à conclusão de que ele também precisava se acostumar. Mas se acostumaria?

No domingo à noite, Marcelo devolveu o menino ao domínio materno. Chamou pelo porteiro eletrônico e, quando ouviu algo parecido à voz de sua ex-mulher, disse: “Luisa, eu trouxe o Fernando. Tchau.” “Obrigada. Tchau”, respondeu o interfone, mais afônico que de costume.

Fernando subiu de elevador até o sexto andar. Lá, Luisa o esperava. Deu-lhe um beijo, tinha um pouco de maquiagem no rosto, mas ele não se importou.

Pouco depois ela fez um suco de laranja para Fernando. De repente, olhou para ele intrigada. Pensou que era absurdo, mas lhe pareceu que de certo modo o filho tinha crescido naquelas 48 horas.

Só para dizer alguma coisa, Luisa lhe perguntou:

— E seu pai como está?

Fernando pensou: ela também não disse “Marcelo”, mas “seu pai”. Engoliu em seco e respondeu:

— Sozinho. Ele está sozinho.



## Conciliar o sono

Acontece, doutor, que no meu caso os sonhos têm ciclos temáticos. Houve um tempo em que eu sonhava com enchentes. De repente, os rios transbordavam e inundavam os campos, as ruas, as casas e até minha própria cama. Aliás, foi em sonhos que aprendi a nadar, e graças a isso consegui sobreviver às catástrofes naturais. Pena a duração dessa habilidade ter sido apenas onírica, pois mais tarde tentei exercê-la, completamente acordado, na piscina de um hotel e quase morri afogado.

Depois veio um período em que sonhei com aviões. Ou melhor, com um avião, porque era sempre o mesmo. A aeromoça era feiosa e me tratava mal. Dava champanhe para todo mundo, menos para mim. Quando perguntei por quê, ela me olhou com um rancor longamente programado e respondeu: “Você sabe muito bem por quê.” Fiquei tão surpreso com aquela intimidade, que quase acordei. Além disso, não imaginava do que ela estava falando. Ainda me debatia nessa dúvida quando o avião entrou numa turbulência e a aeromoça feiosa se estatelou no corredor, de um jeito que a minissaia levantou e pude constatar que não usava nada por baixo. Justo nessa hora acordei e, para minha surpresa, não estava na minha cama, mas num avião, fileira 7, poltrona D, e uma aeromoça parecida com a Gioconda me oferecia em inglês básico uma taça de champanhe.

Como vê, doutor, às vezes os sonhos são melhores que a realidade, e vice-versa também. O senhor se lembra do que Kant disse? “O sonho é uma arte poética involuntária.”

Em outra fase, tive sonhos recorrentes com filhos. Filhos que eram meus. Eu, que sou solteiro e não tenho nem sequer filhos naturais. Com o mundo do jeito que está, acho uma irresponsabilidade conceber novos seres. O senhor tem filhos? Cinco? Desculpe. Às vezes digo cada bobagem.

As crianças do meu sonho eram muito pequenas. Algumas engatinhavam e outras passavam a vida no banheiro. Parece que eram órfãos de mãe, pois ela nunca aparecia, e as crianças não tinham aprendido a dizer mamãe. Na verdade, também não diziam papai, mas em sua meia-língua me chamavam de “turco”. Justo eu, que tenho avós corunheses e bisavós lucenses. “Turco, vem

cá”, “Turco, quero a papa”, “Turco, fiz xixi”. Num desses sonhos, eu ia descendo por uma escada meio quebrada quando, pimba, levei um tombo. Aí o maiorzinho dos meus nenês me olhou sem dó e disse: “Se fodeu, Turco.”

Assim já era demais, portanto tratei logo de acordar da aflição para minha realidade sem anjinhos.

Num ciclo posterior de futebol sonhado, eu sempre jogava de guarda-meta, ou arqueiro, ou porteiro, ou *goalkeeper*, ou goleiro. Quantos nomes para a mesma calamidade! Sempre chovia antes do jogo, por isso o campo estava molhado e fatalmente se formava uma grande poça na frente do gol. Aí aparecia um atacante e metia uma bomba que eu de primeira defendia, mas no rebote a bola molhada escapava das minhas luvas e passava redondinha a linha do gol. Nessa altura do campeonato (literalmente), o que eu mais queria era acordar, mas ainda tinha que ouvir a arquibancada inteira gritar atrás de mim: traidor!, vendido!, quanto você levou?, e outras coisinhas mais.

Nos últimos tempos, minhas aventuras noturnas foram invadidas pelo cinema. Não pelo cinema de hoje, tão ruim, mas pelo de antigamente, que nos comovia e tomava conta da nossa vida com rostos e atitudes que eram modelos. Eu me dedico a sonhar com atrizes. E que atrizes! Nada menos que Marilyn Monroe, Claudia Cardinale, Harriet Andersson, Sonia Braga, Catherine Deneuve, Anouk Aimée, Liv Ullmann, Glenda Jackson e outras maravilhas. (Aos atores, meu Morfeu não concede visto.) Como vê, doutor, a maioria são veteranas ou já se foram, mas sonho com elas como apareciam nos filmes daquela época. Por exemplo, quando digo Claudia Cardinale, não me refiro à de agora (que não está nada mal), e sim àquela de *La ragazza con la valigia*, aos 21. Marilyn, por exemplo, se aproxima de mim e me diz num tom carinhosamente confidencial: “*I don’t love Kennedy. I love you. Only you.*” Vale esclarecer que nos meus sonhos as atrizes às vezes falam em versão legendada e às vezes dubladas em castelhano. Eu prefiro com legendas, pois uma voz como a de Glenda Jackson ou a de Catherine Deneuve é insubstituível.

Bom, na verdade vim consultá-lo porque ontem sonhei com a Anouk Aimée, não a de agora (que também não está mal) mas a de *Montparnasse 19*, quando tinha fabulosos 26 anos. Não pense mal de mim. Eu não a toquei nem ela me tocou. Simplesmente apareceu numa janela do meu estúdio e disse apenas (versão dublada): “Amanhã à noite venho te ver, não no teu estúdio, mas na tua cama. Não esquece.” Como é que eu vou esquecer? O que eu queria

saber, doutor, é se os preservativos que compro na farmácia servem nos sonhos.  
Porque, sabe como é, não gostaria de engravidá-la.

## Jacinto

*Para Willie e Lidia*

Quando Ludwig Kesten chegou da Alemanha, seus tios, radicados em Paysandú desde 1950, ficaram bem impressionados com sua aparência. Mas foi sua prima Gretel, em especial, que o achou incondicionalmente lindo. De compleição robusta, louro e de olhos azuis, quase sempre sorridente, sua presença irradiava simpatia. Esse era o lado positivo; o negativo é que ele era surdo-mudo. De nascença. E, além de surdo-mudo, órfão. Filho único, seus pais tinham estado muito doentes nos últimos anos. Ele, com Alzheimer; ela, com uma grave e misteriosa doença que nenhum médico conseguiu identificar. A mulher sobreviveu ao marido somente alguns meses. Não tinham outros familiares em Munique, onde sempre haviam morado, nem no resto da Alemanha.

Um dia, os parentes teuto-*sanduceros* receberam uma carta inesperada de um vizinho muniquense que contava a infeliz história nos mínimos detalhes e expunha a situação do rapaz, agora com mais de 20 anos: devido às suas notórias carências, era incapaz de trabalhar regularmente e até de sobreviver em tão precárias condições.

Os Kesten se comoveram com o caso (afinal de contas, era alguém do seu próprio sangue) e, graças à solidária intervenção do bom vizinho, lhe mandaram uma passagem pela Iberia. Esse mesmo vizinho o levou ao aeroporto, praticamente o colocou no vôo IB3631, depois de transmitir as recomendações à aeromoça-chefe (tinha que trocar de avião em Buenos Aires), e num 20 de fevereiro Ludwig desembarcou no aeroporto de Carrasco, onde seus tios e sua prima o esperavam. Apesar de terem fotos de Ludwig, eles o reconheceram mais por seu andar vacilante e seu ar avoadado. Pediram (e conseguiram) autorização para entrar na área de desembarque, e ali se reuniram a ele. Ludwig sorriu pela primeira vez deste lado do Atlântico, e foram todos imediatamente para Paysandú com a nova incorporação ao clã familiar.

A integração não foi fácil. Ludwig se comunicava por meio de uma pequena lousa, mas só em alemão, língua que seus tios obviamente dominavam, mas sua prima não. Os Kesten eram proprietários de uma bela chácara (quase uma fazenda) no interior do departamento, com pastagens bem

cuidadas e áreas de cultivo apropriadas. A situação econômica da família era confortável, e eles se felicitavam por terem deixado a Alemanha do pós-guerra e (graças aos conselhos de vários compatriotas) escolhido um país pequeno mas acolhedor como o Uruguai.

Sempre na companhia de alguém da família, Ludwig costumava ir ao campo e se extasiava contemplando aquelas verdes planícies com suas vacas tranqüilas, quase imóveis. Só mugiam na hora do ângelus, mas ele não tomava conhecimento dessa tristeza. Fazia (ou tentava fazer) alguma coisa na casa. Pelo menos, fazia e desfazia a própria cama. Às vezes começava a varrer a varanda, mas a tia lhe arrancava a vassoura da mão. Para que serviam as duas moças que cuidavam da comida e da limpeza?

Tinha bom apetite e prazer em comer. Sua prima Gretel, com a ajuda da pequena lousa e de outra bem maior, tentava ensinar-lhe um pouco de castelhano. Mas não era fácil. Quem não ouve nem fala não faz pleno gozo da linguagem, e Ludwig se chateava, por mais que gostasse de ver sua linda prima dedicar um pouco de seu tempo a ele.

E assim foi, até que um dia o tio apareceu com um jornal portenho e o abriu sobre a mesa da sala. Em Buenos Aires, um hipnotizador italiano, Luciano Pozzi, aparecera num famoso programa de televisão e devolvera a fala (mas não a audição) a um surdo-mudo. Logo se celebrou um conciliábulo familiar em que se decidiu por unanimidade viajar a Buenos Aires, e imediatamente, antes que o mágico voltasse para a Europa.

E lá foram eles. Ludwig não sabia muito bem o motivo da viagem, mas os olhares e tapinhas de seus parentes davam a entender que tinha algo a ver com ele. Antes da viagem, e para evitar surpresas, telefonaram para o canal argentino e combinaram a data e o horário do comparecimento de Ludwig ao programa de Luciano Pozzi, vedete do momento.

Como sempre, o estúdio estava lotado. Luciano sentou Ludwig numa cadeira de espaldar totalmente reto.

— Como vocês sabem, este simpático jovem é surdo-mudo. Por enquanto, pelo menos, não estou em condições de curar sua surdez, mas tentarei devolver-lhe a fala.

Ludwig seguia os movimentos de Luciano com um olhar entre curioso e amedrontado. Por fim, o suposto mágico aproximou as mãos dos olhos do rapaz até ele baixar as pálpebras.

— Agora durma — disse Luciano. — Temos de avançar aos poucos. Quando ele acordar, não vai desandar a conversar comigo ou com vocês. Dirá uma única palavra. Começará aos poucos, como já disse. Bem, agora estou tentando fazer com que concentre toda sua atenção no nome de uma planta liliácea, de flores campanadas. Ou seja, que inaugure a fala com algo poético. Quando acordar, dirá: Jacinto.

Luciano tornou a pôr as mãos diante dos olhos de Ludwig, que de repente se abriram, atônitos. O hipnotizador, de costas para o público e apontando para o jovem, disse:

— Vamos ver, Ludwig, diga alguma coisa.

Obviamente, Ludwig não ouviu a ordem, mas isso era o esperado. Então Luciano apontou para a própria boca com o indicador.

— Ja-cin-to — balbuciou, de forma audível, Ludwig.

O aplauso foi ensurdecedor. Ludwig estava surpreso. Não ouvia, mas podia ver os aplausos. Abriu a boca de novo e disse, agora com mais desenvoltura: Jacinto. Outra ovação.

A família Kesten inteira subiu ao palco para abraçar o mágico. Depois voltaram a Paysandú. Ludwig estava contente e de vez em quando dizia: Jacinto.

Mas aos poucos a euforia inicial foi amainando, porque Ludwig nunca aprendeu uma segunda palavra. Luciano Pozzi voltou para a sua Itália, vieram outros hipnotizadores, e a família Kesten sempre aparecia com o parente surdo-mudo. Vários desses mágicos contavam já com certa fama, mas nenhum deles conseguiu que Ludwig pronunciasse uma segunda palavra.

Agora, graças aos bons ofícios de Gretel e da lousa, lidava melhor com o idioma do país. Quando ficavam a sós na casa campestre (coisa que acontecia com bastante frequência), Gretel não só lhe dava aulas de língua; também o ensinava a fazer amor. Ele aprendeu rápido, e como a discrição estava garantida, ao culminar o ato ela gritava “meu amor!”, mas seu amor não a ouvia. Apenas olhava para ela com ternura e dizia: “Jacinto.”

Em conseqüência dessas festas, Gretel ficou grávida e, antes até de encarar seus pais com semelhante notícia, tratou de escrevê-la na lousa para Ludwig. A reação do rapaz foi explosiva e radiante. De imediato, deu atléticos pulos de alegria. Em seguida, Gretel e ele se abraçaram, aos beijos, em meio a um duplo choro de contentamento.

Depois Ludwig/Jacinto se afastou docemente de Gretel, saiu para o jardim que entardecia e, fitando a única nuvem que havia no céu, abriu os braços e falou: “Cri-an-ça, cri-an-ça.”

## Cambalache

Aquele time de futebol, rio-platense (não darei mais detalhes, pois o que interessa aqui é a anedota, não o nome dos atores), chegou à Europa apenas 24 horas antes da sua primeira partida contra uma das mais prestigiosas equipes do Velho Continente (aqui também não darei maiores detalhes). Mal tiveram tempo para um breve treino, num estádio mais ou menos secundário, com um gramado desastroso.

Quando por fim entraram no verdadeiro campo (ou *field*, como preferem alguns puristas), ficaram estupefatos com as colossais dimensões do estádio, com as arquibancadas lotadas e vociferantes, e também com a atmosfera gélida de um janeiro implacável.

Como de praxe, as duas equipes se alinharam para ouvir e cantar os hinos. Primeiro, logicamente, o dos locais, entoado pelo público e pelos jogadores, seguido de uma intensa ovação.

Depois foi a vez do nosso. A gravação era horrível, com uma desafinação realmente olímpica. Nem todos os jogadores sabiam a letra inteira, mas acompanharam pelo menos a estrofe mais conhecida. Um dos atletas, casualmente um atacante, embora se lembrasse do hino, resolveu cantar no lugar dele o tango “Cambalache”: “*Que el mundo fue y será una porquería/ ya lo sé,/ en el quinientos seis/ y en el dos mil también.*” Só na tribuna de honra, alguns poucos aplaudiram por obrigação.

Finda essa parte da cerimônia e antes do pontapé inicial, que esteve a cargo de um encarquilhado ator do cinema mudo, os jogadores rio-platenses rodearam o atacante rebelde e o repreenderam duramente por cantar um tango em vez do hino. Entre outros amáveis epítetos, eles o chamaram de traidor, apátrida, sabotador e cretino.

O incidente teve inesperadas repercussões no jogo. No início, os demais jogadores evitaram passar a bola para o sabotador, de maneira que este, para tomá-la, era obrigado a recuar quase até a linha defensiva e depois avançar muito, esquivando-se dos robustos adversários e passando-a em seguida (porque não era egoísta) a quem estivesse melhor colocado para chutar a gol.



Os europeus jogaram melhor, mas faltavam poucos minutos para o apito final e nenhum dos times conseguira vazar a meta adversária. E assim foi até os 43 minutos do segundo tempo. Foi então que o apátrida tomou a bola num rebote e empreendeu sua desafiante disparada rumo ao gol adversário. Penetrou na grande área e, já que até então seus companheiros haviam desperdiçado as boas chances que lhes dera, driblou dois zagueiros com três gingadas geniais e, quando o goleiro saiu espavorido tentando cobrir o ângulo, o cretino ameaçou chutar com a direita mas chutou com a esquerda, deslocando totalmente o pobre homem e introduzindo a bola num inalcançável canto da trave. Foi o gol da vitória.

A segunda partida aconteceu em outra cidade (não entro em detalhes), num estádio igualmente imponente e com as arquibancadas lotadas. Lá também chegou a hora dos hinos. Primeiro o do time da casa e depois o dos visitantes. Embora a trilha sonora seguisse por outro lado, os 18 jogadores, perfeitamente alinhados e com a mão direita sobre o peito, cantaram o tango “Cambalache”, cuja letra, esta sim, todos sabiam de cor.

Apesar da vitória também nessa partida (não me lembro do resultado exato), os indignados dirigentes resolveram cancelar a excursão européia e multar todos os jogadores, sem exceção, acusando-os de traidores, apátridas, sabotadores e cretinos.

## Sonhou que estava preso

Um preso sonhou que estava preso. Com nuances, claro, com diferenças. Por exemplo, na parede do sonho havia um pôster de Paris; na parede real havia apenas uma mancha escura de umidade. No chão do sonho corria uma lagartixa; no chão de verdade um rato o fitava.

O preso sonhou que estava preso. Alguém massageava suas costas e ele começava a se sentir melhor. Não conseguia ver a pessoa, mas tinha certeza de que era sua mãe, uma especialista no assunto. Pela ampla janela entrava o sol da manhã, e ele o recebia como um sinal de liberdade. Quando abriu os olhos, não havia sol. A janeleta gradeada (três palmos por dois) dava para um poço de ventilação, para outro muro de sombras.

O preso sonhou que estava preso. Que tinha sede e bebia muita água gelada. E a água logo brotava por seus olhos sob forma de choro. Sabia por que chorava, mas não o confessava nem a si mesmo. Fitava as mãos ociosas que antes construíam torsos, rostos de gesso, pernas, corpos enlaçados, mulheres de mármore. Quando acordou, seus olhos estavam secos, as mãos sujas, as juntas enferrujadas, o pulso acelerado, os brônquios sem ar, o teto com goteiras.

Então o preso decidiu que era melhor sonhar que estava preso. Fechou os olhos e se viu com um retrato de Milagros nas mãos. Mas ele não se contentava com a foto. Queria Milagros em pessoa, e ela apareceu, com um sorriso largo e uma camisola azul. Aproximou-se para que ele a tirasse, e ele, claro, a tirou. A nudez de Milagros era sem dúvida milagrosa, e ele a percorreu com toda sua memória, com todo seu prazer. Não queria acordar, mas acordou, alguns segundos antes do orgasmo onírico e virtual. E não havia ninguém. Nem foto, nem Milagros, nem camisola azul. Reconheceu que a solidão podia ser insuportável.

O preso sonhou que estava preso. Sua mãe já não o massageava, entre outras coisas, porque fazia anos que tinha morrido. Foi invadido pela saudade do seu olhar, do seu canto, do seu regaço, dos seus carinhos, das suas acusações, dos seus perdões. Abraçou a si mesmo, mas não valia. Milagros lhe dava adeus, de muito longe. Ele achou que de um cemitério. Mas não podia ser. Era um parque.

Mas na cela não havia parque, portanto, mesmo no sonho, sabia que era apenas isso: um sonho. Ergueu o braço para também dar seu adeus. Mas sua mão era só um punho, e, como se sabe, os punhos não aprenderam a dizer adeus.

Quando abriu os olhos, o catre de sempre lhe transmitiu um frio impertinente. Trêmulo, intumescido, tentou aquecer as mãos com o hálito. Mas não conseguia respirar. Lá no canto, o rato, tão congelado quanto ele, o fitava. Mexeu uma das mãos, e o rato adiantou uma pata. Eram velhos conhecidos. Às vezes lhe jogava um pouco da sua horrível, mísera comida. O rato era grato.

Mesmo assim, o preso sentiu falta da verde, agilíssima lagartixa dos seus sonhos e adormeceu para recuperá-la. Descobriu que a lagartixa tinha perdido o rabo. Um sonho assim já não valia a pena ser sonhado. E no entanto. No entanto, começou a contar com os dedos os anos que lhe faltavam. Um dois três quatro, e acordou. Eram seis no total, e ele já cumprira três. Contou de novo, mas agora com os dedos acordados.

Não tinha rádio, nem relógio, nem livros, nem lápis, nem caderno. Às vezes cantava baixinho para preencher precariamente o vazio. Mas cada vez recordava menos músicas. Quando era criança, também aprendera algumas orações que sua avó lhe ensinara. Mas agora para quem iria rezar? Sentia-se enganado por Deus, mas ele também não queria enganar a Deus.

O preso sonhou que estava preso e que Deus chegava e confessava que estava cansado, que sofria de insônia e que isso o esgotava, e que às vezes, quando enfim conseguia conciliar o sono, tinha pesadelos com Jesus na cruz pedindo-lhe ajuda, que Ele, por capricho, não dava.

O pior de tudo, dizia Deus, é que Eu não tenho Deus a quem recorrer. Sou como um Órfão com O maiúsculo. O preso sentiu pena desse Deus tão só e abandonado. Entendeu que, em todo caso, o mal de Deus era a solidão, já que sua fama de supremo, imutável e eterno afugentava os santos, tanto os titulares quanto os reservas. Quando acordou e se lembrou de que era ateu, não teve mais pena de Deus, ao contrário, sentiu pena de si mesmo, que estava enclausurado, solitário, mergulhado na imundície e no tédio.

Depois de incontáveis sonhos e vigílias, chegou uma tarde em que, dormindo, foi sacudido sem a brutalidade habitual, e um guarda o mandou levantar porque lhe haviam concedido a liberdade. O preso só se convenceu de que não estava sonhando quando sentiu o frio do catre e constatou a eterna

presença do rato. Despediu-se dele com pesar e saiu com o guarda para receber a roupa, algum dinheiro, o relógio, uma esferográfica, uma carteira de couro, as poucas coisas que tomaram dele ao prendê-lo.

Na rua ninguém o esperava. Começou a andar. Andou por dois dias, dormindo à beira da estrada ou entre as árvores. Num bar de subúrbio, comeu dois sanduíches e tomou uma cerveja em que reconheceu um sabor antigo. Quando por fim chegou à casa da irmã, ela quase desmaiou com a surpresa. Ficaram abraçados uns dez minutos. Depois de chorar um pouco, ela perguntou o que estava pensando fazer. Agora, tomar um banho e dormir, estou completamente arrebitado. Depois do banho, ela o levou até um desvão onde havia uma cama. Não um catre imundo, mas uma cama limpa, macia e decente. Dormiu mais de 12 horas seguidas. Curiosamente, durante esse longo descanso, o ex-presosonhou que estava preso. Com lagartixa e tudo.

## Conversa

- Com licença. Posso me sentar aqui, com você, para acabarmos essa cerveja?
- Pode, claro.
- Meu nome é Alejandro.
- Ah.
- Alejandro Barquero.
- Certo. O meu é Estela.
- Estava lá do outro lado do café. Sei lá. Vi você tão sozinha.
- Gosto de ficar sozinha.
- Sempre?
- Não, nem sempre. Depende do dia. Às vezes não te dá vontade de fazer um balanço interior?
- Às vezes. Mas em geral é de noite. Meu problema é que sofro de insônia.
- De noite prefiro dormir.
- Eu também. Mas nem sempre consigo.
- Consciência pesada?
- Não. Por acaso tenho cara de bandido ou de estuprador?
- De estuprador, não.
- De bandido, então?
- Vai saber. Não faz dez anos que nos conhecemos, mas cinco minutos.
- Você sempre fica assim, na defensiva?
- A gente tem que se cuidar.
- Você vem sempre aqui?
- Duas ou três vezes por semana.
- Trabalha aqui perto?
- Se o interrogatório continuar desta guisa, vou exigir a presença do meu advogado.
- Desta guisa? Que vocabulário! Ainda bem que você tem senso de humor.
- E você, faz o quê?

— Sou tradutor.

— Do inglês?

— Do inglês também. Mas principalmente do francês e do italiano. E, além disso, sou solteiro em espanhol.

— Você faz essas confidências para que eu também faça as minhas?

— Não sabia que o solteirismo era uma confidência. Pensei que fosse um estado civil.

— Eu não sou solteira. Sou separada.

— E que tal?

— Que tal o quê?

— Como se sente no novo estado?

— Não é tão novo assim. Faz um ano que me separei. Agora já me acostumei, mas no começo foi difícil.

— Nem vou perguntar se mora sozinha, para você não sair correndo.

— Por quê? Moro sozinha, claro.

— E a tua família?

— É pequena. Minha mãe mora no Brasil, com meu irmão. Meu pai se foi num enfarte. Tenho uma irmã, casada com um gringo, que está em Los Angeles. E é só.

— Que horas são?

— Seis e vinte.

— Caramba! Precisava estar no centro às seis. Mas não faz mal. Agora não vou chegar mesmo. Nem de táxi. Acontece que o meu relógio é preguiçoso. Está vendo como marca cinco e dez? Além disso, não perdi meu tempo. Gostei de conhecer você.

— Me conhecer? Quase nem falamos.

— O bastante. E uma relação não se constrói só com palavras. Os olhos também falam, não acha?

— Hum. E pode-se saber o que meus olhos disseram?

— Segredo.

— Você gosta de uma gozação, não é?

— Eu gosto de me divertir.

— À custa da mamãe aqui.

— Pode-se saber quantos anos você tem?

— Não, não se pode.

— Aparenta vinte e três.  
— Ih! Errou longe!  
— Eu tenho vinte e cinco.  
— Pois aparenta ter vinte e quatro e meio.  
— Agora vou te fazer uma pergunta que pede uma resposta sincera.  
— Fala.  
— Eu caí nas suas graças?  
— Em que sentido?  
— Vertical. Horizontal. Como você preferir.  
— Digamos que sim. Embora eu não saiba por quê.  
— Quer que eu explique?  
— Não, por favor. Não suporto a vaidade masculina quando aflora espontaneamente.  
— Você não tem a impressão de que a gente se conhece há anos?  
— Essa pergunta parece coisa de novela mexicana.  
— Responda. Tem ou não tem?  
— Há anos? Não. Tenho a impressão de que nos conhecemos há vinte e oito minutos.  
— Alguém já disse que você irradia uma simpatia tão grande que chega a dar tontura?  
— Bom, uma vez um rapaz me disse que minha simpatia o embriagava.  
— Viu? É isso mesmo. E olha que nem peguei na tua mão.  
— Você que ouse.  
— Não deixa?  
— Claro que não. O que posso deixar é minha mão pegar na tua.  
— Maravilha.  
— Você têm a pele suave. Interessante. Logo se vê que nunca foi operário.  
— E essa cicatriz no pulso?  
— Ah, sim. Com esse detalhe você já sabe tudo sobre esta jovem marquesa. Há dois anos tentei me matar.  
— E o que aconteceu?  
— Fui salva por umas vizinhas. Fizeram muito bem. Estou feliz de continuar vivinha.  
— Mal de amor?  
— Não. Falta de amor. Vazio de amor.  
— Drogas, quem sabe?

— Nada disso. Nem fumar eu fumo. Quase não bebo. Você nunca pensou em se matar?

— Sou babaca demais para tomar uma decisão tão difícil.

— Você disse que é solteiro em espanhol. Mas tem mulher, companheira, amante ou namoradinha?

— Nada, menina. Conto três meses e meio de virgindade sabática.

— Então vou confessar uma coisa que espero que você aprecie em toda sua ingenuidade.

— Assim será.

— E em toda sua inocência.

— Sou todo ouvidos.

— Pode parecer estranho, mas queria te ver nu.



## O dezenove

— Capitão Farías?

— Eu mesmo.

— Não se lembra de mim?

— Francamente, não.

— O número 19 não lhe diz nada?

— Dezenove?

— O preso 19.

— Ah.

— Lembra agora?

— Eram tantos.

— Nem sempre. No avião éramos poucos.

— Mas o senhor...

— Estou oficialmente morto?

— Eu não disse isso.

— Mas pensou. Para seu governo, não sou um espectro. Como pode ver, estou vivo.

— Não estou entendendo nada.

— Eu sei, é difícil de entender. E não vou lhe contar como sobrevivi. Parece impossível, não é? Vocês trabalhavam incansavelmente e com todas as salvaguardas. Mas um vôo é um vôo, e o mar é o mar. No mundo há vários mares, mas no mar há vários mundos.

— Não me venha com disparates. Isto não tem sentido.

— Tem sim.

— Por que veio? O que quer?

Farías estava encostado na sebe de seu jardimzinho. O 19 estava em pé, a menos de um metro dele.

— Nada em especial. Só queria que me visse. Pensei: de repente tiro um peso da consciência dele. Um morto a menos, que tal? Se bem que deve haver muitos outros que ainda não adquiriram o vício de ressuscitar.

— É dinheiro o que quer?

— Não, não é dinheiro.

— Então o que é?

— Quero conhecer sua família. Sua mulher, por exemplo, que por coincidência é de Tucumán, como eu. E também as crianças.

— Isso nunca.

— Por que não? Não vou lhes contar nada.

— Escute, não me force a usar de violência. Não seria bom nem para mim, nem para o senhor.

— Por que para mim? Não há nada mais violento do que entrar no mar como eu entrei.

— Já disse para não me forçar.

— Ninguém está forçando o senhor a nada. O que fez antes, há tantos anos, foi por obrigação, por disciplina ou por adesão espontânea?

— Não devo explicações. Nem ao senhor, nem a ninguém.

— Pessoalmente, não preciso delas. O senhor fez o que fez por uma razão muito simples: não teve colhão para se negar.

— É fácil dizer isso sobre os colhões alheios.

— Certo, certo. É uma boa frase. Reconheço.

O outro relaxou um pouco. Isso era visível sobretudo na tensão do pescoço.

— Não vai me convidar para entrar em seu lar-doce-lar? Já disse que não vou comentar nada sobre “nossa história”, e eu costumo cumprir o que prometo.

Pela primeira vez, Farías o olhou com certa apreensão. Alguma coisa ele viu nos olhos do 19.

— Tudo bem, venha.

— Assim que eu gosto. Tenho que reconhecer que há algo de corajoso no seu gesto.

De repente, o 19 se viu numa sala, simples, decorada com modéstia, mas também com mau gosto.

Farías chamou: “Elvira!” E Elvira apareceu. Uma mulher com certo encanto e ainda jovem.

— O amigo aqui — disse Farías mais ou menos engasgado — é teu conterrâneo.

— Ah é? — o olhar da mulher se alegrou um pouco. — É de Tucumán?

— Sim, senhora.

— E de onde vocês se conhecem?

— Bem — disse Farías —, fazia muito tempo que não nos encontrávamos.

— É, uns bons anos — disse o 19.

Bateram papo por alguns minutos. Entraram as crianças. O 19 distribuiu beijos, fez as perguntas de praxe.

— O senhor é casado? — ela perguntou.

— Viúvo.

— Puxa, sinto muito.

— Faz cinco anos que minha mulher faleceu. Afogada.

— Que horrível! Na praia?

— Perto de uma praia.

Seguiu-se um silêncio glacial. Farías encontrou uma saída.

— Vamos, crianças! Vão fazer a lição de casa, que já é tarde.

— E o senhor mora sozinho? — perguntou Elvira.

— Sim, claro.

Não perguntou se tinha filhos, temendo que também estivessem mortos.

Com um movimento quase mecânico, só para fazer alguma coisa, o 19 sacudiu com a mão a barra da calça.

— Bom, não quero incomodar. Além disso, preciso estar na Plaza Italia às sete.

Quando o 19 apertou a mão de Elvira, teve uma sensação estranha. Então ela se aproximou e o beijou no rosto.

— Sinto muito por sua esposa.

— Vamos! — disse Farías, a ponto de estourar.

— Sim, vamos — concordou o 19, calmamente.

O dono da casa o acompanhou até o portão. Ali fitou o 19 e, de repente, sem que nada o anunciasse, começou a chorar. Era um choro incontido, convulso. O 19 não sabia o que fazer. Esse dilúvio não estava no programa.

De repente o choro cessou bruscamente, e Farías disse, quase aos gritos, deixando a formalidade de lado:

— Você é um fantasma! Um fantasma! É isso que você é!

O 19 sorriu, compreensivo, disposto a fazer concessões. E também aderiu à informalidade.

— Claro, rapaz. Sou um fantasma. Você conseguiu me convencer. Agora limpa o nariz e vai chorar no ombro da sua mulherzinha. Mas não diz para ela que eu sou um fantasma, porque ela não vai acreditar.

## Não há sombra no espelho

Não é a primeira vez que escrevo meu nome, Renato Valenzuela, e o vejo como se fosse de outra pessoa, de alguém distante com quem perdi contato faz tempo. Em outras ocasiões, diante do espelho, quando acabo de me barbear, vejo um rosto que mal reconheço, como se fosse o esboço ou a caricatura de outro rosto, com que estou mais ou menos acostumado. Então acho que esse olhar não é o meu, que essas pupilas de rancor não me dizem respeito, que essas rugas pertencem a outra máscara, que esses fiordes de calvície não correspondem à minha geografia capilar. É verdade que tais divagações costumam ser momentâneas, metamorfoses que duram o tempo de um suspiro, mas sempre me deixam instável, desassossegado, indefeso. É por isso, Renato Valenzuela, que talvez tenha chegado a hora de acertar as nossas contas. Com o tempo, com o passado, com as feridas, com as promessas, contigo/comigo. Todas.

Não vamos cair na vulgaridade de atribuir tudo que há de ultrajante à vaga infância. Lá ficou ela, atrás da neblina. Minhas lembranças se deixam ver através de um vidro esmerilhado chamado memória. Eu te vejo nu no campo, sob uma chuva que não discriminava, os magros braços para o alto, usufruindo dessa felicidade inaugural, que por certo não se repetiria, ao menos com essa - intensidade.

Eu te vejo criança, espantado diante do estranho espetáculo do peãozinho que fornicava (você achava que brincava) com alguma ovelha, passiva e inerte, decerto ausente daquela violação não regulamentar. Sua adolescência foi um sonho. Você sonhava incansavelmente, e quando afinal eu acordava, você continuava sonhando. Com bosques, com ondas, com seios, com sóis, com fomes, com mãos, com coxas. Seus sonhos eram de desejo, e minhas vigílias, de censura.

Volta e meia aparece algum sábio da arraia-miúda para garantir que o espelho é sempre honesto. Honesto porra nenhuma. O espelho é um farsante, um traidor, um pilantra. Esse Renato Valenzuela que aí está, olhando-me com sarcasmo, pálido de tanta insônia, é um frágil arremedo de mim mesmo, um fac-símile sem sangue, uma coisa. Onde está, por exemplo, a palpitação das

minhas têmporas, o cora o transbordante de conquistas e fracassos, as mãos que não são garras, mas provedoras de carícias?

A imagem do espelho é o que eu não quis ser: um fantoche gasto convocando a morte. Por esses falsos olhos circulam escombros de desejos, que já não consigo sequer vislumbrar, que dirá recordar. Esse Renato Valenzuela é um epílogo do Renato Valenzuela que digo ser. Que sou. Ou não? Ou será, então, este eu de carne e osso o pobre duplo do que se move nesse espelho? Disse o poeta: “O mar como um vasto cristal azougado/ reflete a lâmina de um céu de zinco.” Esse Renato de cristal azougado refletir  o nada do meu céu de zinco? Ou estará mais próximo do que se diz na estrofe seguinte: “O sol como um vidro redondo e opaco/ com passo de doente caminha para o z nite”?

Onde está, nessa cópia servil que é o espelho, aquele rapaz que seduziu Irene, ou melhor, que foi seduzido por Irene, o que tremeu como uma vara quando ela o enla ou com seus braços de enigma? Onde ficou aquele que beijou e tornou a beijar seu corpo indescritível, mergulhou cândido nele, feliz sem perceber, tonto de amor?

Não há sombra no espelho. A sombra   dos corpos, não das imagens. Meu filho Braulio tem seis anos de sombra. Nunca o ponho diante do espelho, para que não a perca. Irene, em compensa o, não tem mais imagem. Nem sombra. O horror a levou. Há finais de paz, de dor, de inércia, têm de horror. O dela foi de horror. Contudo, nos olhos do espelho não está sua morte. Nos olhos de mim mesmo está, sim.   impossível desaloj -la, omiti-la, extravi -la.

Meu filho me olha com os olhos de Irene. Um rio de tristeza circula por minhas veias, mas me esqueci de chorar. Com meus olhos e com os do espelho. Não trago o Braulio para o espelho para que não se gaste, para que não comece, tão criança, a envelhecer, para que continue a olhar com os olhos de Irene.

Devo esclarecer que tudo isso pertence ao passado. Um passado recente, mas passado. Reconheço que hoje tive uma surpresa. Como todas as manhãs, encarei o espelho e falei com ele. Falei muito. Acho que até gritei com ele. De repente percebi que a boca do espelho permanecia fechada. Tornei a falar, o insultei. E nada. Seus lábios não se moveram. Curiosamente, seu olhar era de retrocesso.

Então me senti tomado por um estranho contentamento, um esboço de felicidade.

E não era para menos. Pela primeira vez eu o deixava mudo. Pela primeira vez o derrotara. Inapelavelmente.

## Assalto na noite

Dona Valentina Palma de Abreu, 49 anos, viúva desde os 41, acordou bruscamente às duas da manhã. Achou que o barulho vinha da sala. Sem acender a luz, e assim mesmo como estava, de camisola, saiu da cama e, sorrateira, foi até o maior ambiente do amplo apartamento. Só então acendeu a luz. A três metros dela, de pé e com expressão perplexa, estava um homem jovem, de jeans e uma capa aberta.

— Olá! — disse ela. Devido talvez à brevidade do cumprimento, conseguiu não gaguejar.

— Desculpe — disse o intruso. — Mas me disseram que a senhora estava viajando. Achei que não tinha ninguém em casa.

— Ah. E a que se deve a visita?

— Tinha a intenção de levar umas coisinhas.

— Por onde entrou?

— Pela cozinha. Não precisei forçar a fechadura. Sou muito habilidoso nesse tipo de trabalho.

— Posso saber se está armado?

— Não me ofenda. Sempre faço minhas averiguações antes de iniciar uma operação. Desta vez, reconheço que não me informei direito. Mas só decido operar quando tenho certeza de que não vou encontrar ninguém. Sendo assim, para que armas?

— E em que coisinhas o senhor estaria interessado? Deve saber que a uma hora dessas não é fácil sair por aí com um televisor de 22 polegadas, um forno de microondas ou uma porcelana Lladró.

— A senhora tem tudo isso? Meus parabéns. Mas nessas excursões noturnas de fato não trabalho com mercadorias de difícil transporte. Prefiro jóias, dinheiro vivo (se possível, dólares, ou em todo caso marcos), alguma antigüidade, mas pequenina, que caiba no bolso da capa. Coisas assim, de bom gosto e rendimento, com baixo risco e fáceis de converter em vil metal.

— Desde quando se dedica a essa profissão tão lucrativa e promissora?

— Dois anos e quatro meses.

— Que precisão!

— Acontece que efetuei meu primeiro procedimento no dia seguinte ao meu trigésimo quarto aniversário.

— E o que o levou a seguir esse caminho?

— Olhe, eu sou quase arquiteto. Na verdade, só me faltam três matérias e o trabalho de conclusão. Mas estava morrendo de fome. Talvez a senhora não saiba, mas por aqui o trabalho é uma raridade. Por outro lado, não tenho pais nem tios para financiar minha vida. Nem sequer um padrinho. Estou, como dizem na Espanha, mais só que a uma, completamente sozinho. Mas desde que comecei minhas excursões noturnas, pelo menos consigo sobreviver. E até fazer um pé-de-meia. Quando juntar o bastante, acho que vou comprar um táxi. Conheço outros dois quase arquitetos e um quase engenheiro que optaram pelo táxi e vão indo muito bem.

— Nesse caso o senhor abandonaria essas coletas clandestinas?

— Acho que não. O táxi seria só um complemento.

Dona Valentina, viúva de Abreu, entendeu que era o momento de sorrir. E sorriu.

— Que tal deixarmos para mais tarde a escolha das coisinhas que formarão sua amável pilhagem desta noite e tomarmos um drinque?

O homem levou alguns minutos para se acostumar a essa nova surpresa, mas por fim aceitou.

— Está bem. Vejo que a senhora aceita com serenidade as situações inesperadas.

— Queria o quê? Que eu começasse a tremer?

— De modo algum. É muito melhor assim.

A dona da casa dirigiu-se ao barzinho de mogno e tirou dois copos.

— Que uísque o senhor prefere? Escocês, irlandês ou americano?

— Irlandês, claro.

— Eu também. Puro ou com gelo?

Uma vez servidas as doses certas nos grandes copos de cristal azulado, provavelmente da Boêmia, o intruso ergueu o dele.

— Brindemos.

— Por que ou por quem?

— Pela compreensão da alta burguesia nacional.

— Saúde! E também pela frustração arquetônica.



Quando já iam pela segunda rodada, dona Valentina mediu o homem com um olhar entre calculista e sedutor. Pensou, ainda, que era hora de recuperar seu sorriso. E o recuperou.

— Agora me diga uma coisa. Não gostaria de incluir minha camisola no espólio desta noite?

— Sua camisola?

— Isso mesmo. Vou avisando que não tenho nada por baixo. Tem minha autorização para tirá-la.

— Mas.

— Ou meu corpo é velho demais para o senhor?

— Não, confesso que a senhora está muito bem.

— Quer dizer: muito bem para a minha idade?

— Muito bem, e só.

— Fiquei viúva há oito anos e desde então não fui para a cama com ninguém. O que meu assaltante particular acha dessa abstinência?

— Nem preciso dizer que estou às ordens, senhora.

— Por favor, deixe a senhora de lado e me trate de você.

— Posso tirar tua camisola?

Diante do gesto de aprovação da mulher, e antes de cuidar da tal camisola, o bom homem tirou a capa, os jeans e o resto da roupa, simples mas limpa. A essa altura, ela resolvera não esperar a iniciativa do outro e já o esperava nua.

Na cama de casal, o assaltante provou que não era bom apenas em rapinas noturnas, mas também em outras lides da noite. Dona Valentina, por seu turno, demonstrou que, apesar do seu longo jejum de viúva, não havia perdido sua memória erótica. Assim como no uísque, também no sexo repetiram a dose. No final, ela o beijou com sincero prazer, mas logo veio o anúncio.

— Agora vamos ao que interessa, não acha? Você tem que ir embora antes que amanheça. Por razões óbvias, que se chamam porteiro, fornecedores etc. Anda, coloca a roupa. E vamos ver que coisinhas você pode levar.

Enquanto ele se vestia, e apesar de sua oferta anterior, ela tornou a pôr a camisola.

Depois abriu as portas de um armário, que no fundo tinha um cofre. E foi tirando pacotinhos de dólares e outras miudezas.

— E então? O que vai querer levar?

Sobre uma mesinha de carvalho foi colocando jóias de ouro, brilhantes, esmeraldas. Também um relógio suíço (“era do meu marido, é um Rolex legítimo”), uma cigareira de marfim e outras quinquilharias de luxo.

— Também tem este revólver de colecionador. Dizem que pertenceu a um coronel nazista. Interessa?

Quando o homem, que examinava as jóias, ergueu os olhos, ela puxou o gatilho. O tiro atingiu o sujeito na cabeça. Ele caiu ao lado da cama. Ela recolheu todo o material em exposição e tornou a guardá-lo no cofre. Tudo, menos o revólver.

Depois de verificar que o homem estava morto, passou cuidadosamente sobre o cadáver. Por um momento, colocou a arma na sua mão direita, só para imprimir as digitais. Em seguida a apanhou de volta e a deixou sobre a cama. Depois foi ao banheiro, lavou várias vezes o rosto e as mãos. Também usou o bidê.

Então foi até a sala, devolveu a garrafa ao seu lugar, levou os copos de cristal azulado para a cozinha e lá os lavou e enxugou, e voltou à sala para guardá-los. Depois tirou o telefone do gancho e discou um número.

— É da polícia? Aqui quem fala é dona Valentina Palma, viúva de Abreu, residente na avenida Tal, número Tal, apartamento 8-B. Por favor, venham aqui, é urgente. Um assaltante entrou na minha casa para roubar, não sei como nem por onde. Como se não bastasse, ainda tentou me violentar. O tempo todo me ameaçou com um revólver, mas num momento de distração, de repente, tirei forças não sei de onde para arrancar a arma dele e, sem vacilar, atirei. Tenho a impressão de que acabei com ele. Em legítima defesa, claro. Venham logo, porque o choque e o susto foram terríveis, e confesso que estou a ponto de desmaiar.

## Velho Tupí

*Para Pablo Rocca*

O Tupí Velho, situado em frente ao Teatro Solís, não era apenas um café com tradição, era antes uma instituição nacional. Naquela época (final dos 50), o turista que chegava a Montevideu sabia que as atrações da cidade, os postais imprescindíveis, eram o Palácio Legislativo, o Mercado do Porto, o monumento ao Carroção, o Jardim Botânico, o cassino do Parque Hotel, o Estádio Centenário, o Teatro Solís, a Rambla de Pocitos e, claro, o Tupí Velho.

A cidade assumia nesses anos um ar nostálgico, mas não se sabia ao certo do que tinha saudade. Tanto a classe alta como a mais modesta lutavam para exibir uma aparência de classe média, que era a que, definitivamente, dava ao país sua corzinha local. Do ministro ao líder sindical, todos apostavam na discricção do trajar. Talvez a única diferença notável estivesse no uso ou na dispensa da gravata. O sinal de poder e distinção conferido hoje por um Mercedes-Benz era dado então pela gravata.

No entanto, nas rodas quase cotidianas do Tupí Velho esse detalhe não era levado em conta. Lá se reuniam jornalistas, atores, operários, profissionais liberais, jogadores de futebol, deputados, bancários, artesãos, ambulantes, e até algum membro do Conselho de Governo (era o tempo do Colegiado), como Eduardo Víctor Haedo, que substituíra sua gravata oficial por um lenço de seda italiana que ele considerava mais proletário. A verdade é que ele não convencia ninguém com essa troca demagógica. Todos sabiam que dom Eduardo Víctor era um farsante, mas um farsante simpático e sem soberba, que ria um pouco de todos e também de si mesmo; por isso, quando ele aparecia, fazendo ranger com sua pesada corpulência as tábuas, de antigo carvalho mas frouxas, do velho assoalho, tinha um lugar reservado nas animadas polêmicas a que dava um colorido especial. Até o Biancamano, o garçom que era uma espécie de prócer do Tupí Velho, costumava olhar para ele com estranha devoção.

Outro freqüentador quase diário era um calejado homossexual, o Recio, que normalmente ocupava uma mesa solitária junto a uma das janelas. Entre o teatro e o restaurante Del Águila ficava a Escola Municipal de Arte Dramática,

onde Margarida Xirgú exerceu durante anos sua insubstituível docência. Os alunos da Escola costumavam invadir o café em juvenil alvoroço. Algum deles sempre tinha um jeito afeminado e até rebolava um pouco ao caminhar. Recio os olhava com distanciamento crítico e recordava um passado não muito remoto em que tivera de se defender no braço (nocauteara mais de quatro) de certas gangues de extrema-direita, defensoras escandalosas da moral, da família e da pátria. A moral da sua história era sempre a mesma: “No meu tempo, tinha que ser muito macho para ser marica.” Os demais participantes da tertúlia festejavam frivolumente a saída, mas Recio (grande leitor de Unamuno) sabia que ela condensava seu “sentimento trágico da vida”.

A construção do imponente maciço do edifício Ciudadela determinou a agonia e a morte do Tupí Velho. (Por dois ou três anos, ainda funcionou num local sombrio da rua Colonia. Parte da freguesia o acompanhou na transferência, com relutância. Sem uma paisagem que incluísse o Solís e a Plaza Independencia, sem as amplas janelas e sem o Recio, que teve a coerência de morrer três dias antes da mudança, aquilo era um café qualquer, menos o Tupí Velho.)

A agonia propriamente dita durou quatro ou cinco semanas. Biancamano, que fora o grande oficiante naquele templo do ócio criativo e agora tinha a aposentadoria garantida, não podia aceitar a abolição de um espaço que fora seu lar durante vinte anos.

Ainda continuaram, embora em franca decadência, as tertúlias dos fiéis. Uma tarde o conselheiro Haedo compareceu para declarar que não viria mais (faltavam apenas 15 dias para o fechamento definitivo) porque na última sessão do Conselho se lembrara do Tupí e por pouco não tinha chorado. “Imaginem se depois aparece nos jornais uma foto com o rosto do conselheiro Haedo banhado em lágrimas.” Na saída encontrou o Recio, que já estava muito mal, e se abraçaram, como se tivessem perdido um parente querido.

Além disso, começou a se notar um estranho desajuste nas rodas de sempre. Agora os operários falavam de teatro; os jornalistas, de artesanato; os atores, de futebol; os advogados, de palavras cruzadas; os ambulantes, de política. Como se cada um quisesse fugir de sua realidade imediata.

No último dia só restava Biancamano, com o olhar fixo na imensa praça que ia perder para sempre. É claro que podia ser vista do outro lado, mas a praça de que ele gostava era a que aparecia nas vidraças do café. Então entrou o último cliente, mas não era dos habituais. Era apenas um jornalista brasileiro

que, informado desse final digno de Norma, viera fazer uma nota para *O Globo* e crivou de perguntas o pobre do Biancamano, que no final lhe implorou que o deixasse em paz. E o bom homem optou por se retirar.

Quando as luzes foram se apagando, a do insubornável sol e as elétricas da UTE, lá ficou, recortada na penumbra, a silhueta do *camarero de la triste figura*.

## Os robinsons

Os robinsons eram cinco: Sören falava dinamarquês; Gertrude, alemão; Paola, italiano; Flávio, português; e Louise, francês. Como língua marginal, mas abrangente, adotaram o inglês. Vinham de dois naufrágios diferentes ocorridos numa mesma noite de alucinante borrasca. Estranhamente, os cinco corpos, vivos mas exaustos, apareceram, a poucos metros uns dos outros, num extremo da pequena ilha. Os primeiros a recuperar o fôlego foram Sören e Louise. Reunindo suas poucas forças, arrastaram os outros três para um lugar mais ou menos protegido, sob umas árvores que se dobravam até quase quebrar.

Por sorte, o dia amanheceu azul com um sol que lhes pareceu maravilhoso, sobretudo porque lhes secou a pele e os aqueceu. A visibilidade era perfeita, mas não havia nenhum navio à vista, nem afundado nem navegante. De repente se olharam e tomaram consciência de sua nudez. Flávio foi o primeiro a falar: “Vamos ter que nos acostumar.” Todos concordaram, mas não foi fácil. Nos primeiros dias, falavam sem se olhar. As três mulheres tentaram encontrar folhas que lhes permitissem fazer pelo menos uma tosca tanga, mas foi inútil. Tinham mais urgência em cobrir o púbis do que em tapar os seios. Os dois homens, em compensação, não estavam preocupados com a própria nudez. Além disso, o clima não era um fator de risco, já que pelo visto aquela zona era descaradamente tropical e só de noite soprava uma suave e bem-vinda brisa.

A alimentação foi sem dúvida um problema, mas que foram resolvendo aos poucos. Os galhos que arrancaram das árvores se transformaram em instrumentos de caça, sob os quais sucumbiram ratos, lebres, caranguejos, macacos, cutias, algum peixe trazido pelas ondas. Também adquiriram destreza na construção de armadilhas. Por outro lado, Sören, o dinamarquês, cuja movimentada existência incluía uma fase de explorador, sabia fazer fogo com duas pedras, e essa habilidade foi um elemento básico na primitiva arte culinária daqueles robinsons.

Quando se completou aproximadamente um mês de sua chegada (não tinham noção exata dos dias transcorridos), já haviam conseguido construir, com galhos e folhas, uma choupana rudimentar. As folhas grandes eram uma

descoberta recente que poderia servir para criar um novo modelo de tanga, mas a essa altura o pudor era coisa do passado. Já estavam tão habituados à respectiva nudez, que ninguém pensou em cobrir suas vergonhas.

Durante o dia se dedicavam, todos juntos, ou em grupos de dois, às tarefas de sobrevivência. Mas ao entardecer reuniam-se junto à choupana e contavam suas vidas. O mais velho era Sören, 40 anos, e a mais nova era Paola, 22. Flávio, 37 anos, casado, com dois filhos, nascido no Porto, era arquiteto e tinha em Lisboa, em sociedade com um colega, um estúdio que conquistara fama e prosperidade. Gertrude, solteira, 29 anos, era intérprete simultânea (do inglês, do alemão e do francês). Paola, italiana, 22 anos, solteira, modelo, divertia-se enumerando todos os seus desfiles e desnudamentos profissionais, que haviam funcionado como um treino involuntário para a nudez atual. Louise, suíça, nascida em Genebra, casada mas em trâmites para o divórcio, sem filhos, caixa de um *shopping center*, abandonara, ao se casar, seus estudos de ciências humanas, mas continuava sendo uma leitora compulsiva (“do que mais sinto falta aqui é da minha biblioteca”). Em meio àquele grupo de jovens, Sören era quase um patriarca; dinamarquês, 40 anos bem vividos, barba cerrada e meio grisalha, carecia de um vínculo sentimental permanente, mas sempre se dera muito bem com as mulheres; além dos cinco anos dedicados à exploração e à pesquisa ecológica, trabalhava como jornalista num dos principais jornais de Copenhague.

O fato de os cinco colocarem sobre as pedras (uns com soberba e outros com timidez) aqueles breves compêndios de suas biografias serviu, de certo modo, para mudar o clima um tanto neutro de suas relações. Não se viam mais como objetos e, sim, como pessoas, e também como corpos; olhavam-se com prevenção, com espanto e também com simpatia, mais ou menos como acontece na maioria das famílias. Com uma diferença: aqui e agora a nudez se fez notar de novo, e então houve relances de indagação e rubores.

A ilhota era pequena, e eles a percorreram de costa a costa. Não detectaram presença humana, mas sim alguns indícios de sua existência anterior. Por exemplo, uma faca de aço inoxidável, que foi muito útil nas tarefas de caça, cozinha e construção. Havia duas áreas de floresta e o resto eram terras planas, campos de capim alto. Só existia uma elevação, que acabava num precipício ou despenhadeiro que dava no mar e provocava uma vertigem quase incontrolável. A única vez que subiram até lá e olharam para baixo, Paola disse: “Que convite ao suicídio”, e Sören acrescentou: “Não é improvável que o

dono da faca tenha vindo aqui e sucumbido à vertigem.” Ninguém comentou a idéia, e todos voltaram para o acampamento em silêncio.

De vez em quando faziam excursões de inspeção. Uma manhã se dividiram em dois grupos: Flávio, Gertrude e Paola foram para o norte, os outros dois para o sul. Depois de uma longa caminhada, Sören e Louise entraram na florestinha número dois. Deitaram num leito de folhas. De repente ele notou um brilho estranho nos olhos da suíça, tão estranho que seu membro teve uma repentina e firme ereção. Louise também detectou essa incitante novidade. Então fechou os olhos, mas em suas pálpebras ficou um tremor. Ele esticou o braço até alcançar sua mão e ela foi abrindo lentamente as pernas. O ato de amor foi intenso e singular, já que as palavras que acompanharam as carícias preliminares e as profundas não se entenderam tanto quanto os corpos: as de Sören eram em dinamarquês, e as de Louise, em francês. O orgasmo não admite traduções.

Quando voltaram ao acampamento, os outros já estavam lá. Não foi preciso dar nenhuma explicação, nenhum boletim de notícias. A nova situação era evidente. “Parabéns”, disse Gertrude, e todos sorriram. No entanto, à noite, Louise e Sören, por respeito aos outros, não dormiram juntos.

A segunda união, de Flávio com Gertrude, não foi tão espontânea. Ficaram sozinhos no acampamento e discutiram o assunto longamente. Desta vez não houve amor nem atração irresistível. Foi mais o resultado de um plano. O tema que Flávio pôs sobre as pedras, cada vez mais lisas e gastas, foi o da exigência dos corpos. “Tu e eu somos jovens, e o corpo nos pede sexo. Pelo menos o meu. O teu não?” “O meu também, mas não é tão fácil assim. Posso sentir uma atração física por você, talvez provocada pela longa abstinência, mas não amor.” “E quem falou em amor? Trata-se de necessidades.” “E por que você diz isso para mim, e não para a Paola, que é mais bonita e mais jovem?” “Porque és uma pessoa de mente adulta, capaz de perceber do que se trata, ao passo que a Paola é muito mais inocente (e diria até pudica) do que parece. Um dia falei com ela sobre o assunto, sem entrar em maiores detalhes, e deu-me a entender que para ela o sexo sem amor não é erotismo, e sim pornografia.” “Nada contra.” “Falando claro: qual a tua resposta?” “Confesso que toda essa troca de opiniões foi, não digo excitando, mas animando meu corpo. Portanto, quando você quiser.” “Vivas ao pragmatismo germânico!”

Deitaram-se num matagal e foi aí que Paola os viu. Eles nem notaram a presença dela, tão compenetrados que estavam em seu entrelaçamento



corporal. A italiana teve tempo de ver e de se espantar. Normalmente, um casal, na íntima instância de praticar seu coito, costuma viver uma instância de prodígio; para quem vê as coisas de fora, em contrapartida, pode ser um motivo de excitação, mas também de aversão, de repulsa. Foi assim para Paola, que se retirou lentamente e se deitou na choupana, tomada por um choro amargo e para ela inexplicável. Quando os outros quatro voltaram, não quis comer, disse que estava com dor de cabeça e queria descansar. Na longa insônia se viu sozinha, isolada, excluída dos que se uniam, e aí, enquanto os outros dormiam, tomou a decisão.

Numa tábua que lhes servia de mesa, gravou com a faca, em seu inglês mínimo, para que todos entendessem: “Thanks. Good bye for ever. Paola.” Depois, por vezes perdendo-se no escuro, caminhou até o precipício. Era noite de lua, portanto pôde ver o mar, embaixo, com ondas gigantescas. Murmurou para si mesma uma brevíssima oração, cruzou os braços e, assim, se jogou no abismo.

Na manhã seguinte, o primeiro a ver as palavras de despedida foi Flávio. Logo acordou os outros. “Se matou”, disse Gertrude. “Lembram o que ela disse daquela vez que fomos ao precipício?”, perguntou Sören. “Vamos lá.” E para lá foram todos, seguindo algumas de suas tênues pegadas. Embaixo, bem embaixo, entre as rochas sordidamente pontudas, estava o cadáver da modelo. Nem as ondas quiseram levá-lo.

Nas duas semanas seguintes, reinou o silêncio. Limitaram-se a cumprir as tarefas imprescindíveis. Não houve mais uniões dos corpos. Só quando apareceu o navio inglês se reanimaram e começaram a fazer frenéticos sinais. Por fim foram vistos, e uma lancha veio buscá-los. Na viagem até a Corunha falaram entre si apenas o indispensável. Os ocupantes do navio lhes deram roupas, e a tripulação fez uma coleta para que tivessem algum dinheiro quando desembarcassem. O navio não entrou no porto; não estava em sua rota. Avisou que trazia quatro náufragos, e vieram buscá-los. Já em terra, cumpriram os trâmites de praxe. Permitiram que telefonassem para suas famílias. Depois atravessaram o Paseo Marítimo e caminharam até a Plaza de Santa María del Campo. Foi aí que resolveram se separar. Pela primeira vez depois do suicídio de Paola, a tensão diminuiu, então se abraçaram, trocaram endereços e telefones. Depois Gertrude partiu sozinha; Flávio também partiu sozinho, mas na direção oposta. Sören e Louise, ao contrário, ficaram ali, indecisos, mas abraçados.

## Mais ou menos hipócritas\*

— Não, Sánchez, não está mal informado. Faz oito anos que não publico nada. E o que é mais grave ainda: faz oito anos que não escrevo uma linha.

Sergio Govoni pronuncia a última frase como se estivesse lendo um cartaz; num tom alto, mas uniforme, fruto mais do costume que da convicção. O jornalista esboça um sorriso cético.

— Com todo respeito: sei que a primeira afirmação é verdadeira, mas não consigo acreditar na segunda. Depois de cinco livros de poesia e sete romances, de prêmios internacionais nada desprezíveis e excelentes críticas por toda parte, é difícil aceitar que, num átimo, o senhor tenha resolvido sumir da literatura.

— Num átimo? Há quanto tempo não ouvia essa palavrinha! Tem seu encanto, não?

— Não fuja do assunto, dom Sergio.

— Sumir da literatura? Isso não. Aí estão meus livros. Bons ou ruins, estão aí, e ninguém pode sumir com eles. Com o que eu resolvi sumir foi com meus livros futuros.

— E acha isso justo?

— O que a justiça tem a ver com isso? Trata-se de uma decisão pessoal, nada mais. Por que está tão surpreso? Por acaso acha meus 60 uma idade prematura para a aposentadoria? Se fui precoce, foi em outros campos. Ninguém se aposenta precocemente.

— O senhor tem 60 agora. Mas quando publicou *Alientos y desalientos* tinha 52.

— É verdade. Afinal, qualquer idade é boa para abandonar uma profissão. Veja o Salinger: faz mais de vinte anos que não publica nada. E o que me diz do poeta Enrique Banchs? Publicou *La urna* em 1911, e ponto, isso 57 anos antes de sua morte. E o Rulfo, então? *Pedro Páramo*, seu último livro, é de 1955, e ele morreu trinta anos mais tarde.

— São exceções. Vou lhe dizer uma coisa. Por muitos anos pensei que o senhor, por seu estilo, por sua atitude diante da vida, pela coerência da sua obra, fosse um homem de regras, e não de exceções.

— Não me encha, Sánchez. Ninguém quer ser exceção. Nem o sujeito mais ambicioso. Para chegar longe, só seguindo a trilha batida. As exceções

sempre ficam pelo caminho. E decerto vai me dizer que depois elas podem ser reconhecidas e louvadas pela posteridade.

— Exatamente.

— Mas quem liga para a posteridade? Nem o Kafka se importou com isso, e olhe que ele era um gênio. Kafka fez ca(f)ca na posteridade.

— Ainda bem que o bom do Max Brod estava lá para proteger as veneráveis fezes. A posteridade agradece.

— Que humor negro o nosso, não?

— Esqueça o Kafka. Posso fazer a primeira pergunta?

— Já era hora. Pode, sim. E pode também colocar como nas pesquisas: “não sabe, não respondeu”.

— Sergio Govoni: por que parou de escrever?

— Não sabe, não respondeu.

— Por favor, dom Sergio, sem gozação.

— Assim na bucha?

— Na bucha.

— Parei de escrever porque não tinha mais o que dizer, simples assim.

— Não tão simples assim.

— Escute aqui, Sánchez, quer publicar as minhas respostas ou as respostas que imagina que são minhas?

— Nada impede que coincidam. Mas não. Quero as suas, claro.

— Deixe eu pensar. Não gosto de ser pressionado.

— É tão difícil assim reconstituir o motivo de uma decisão tão importante?

— Não é que seja difícil. O que acontece é que vocês às vezes simplificam as coisas. Querem uma resposta única, sintética, e que de quebra sirva como título para a matéria. O que provocou a crise do Golfo? Resposta: a invasão do Kuwait. E não é assim. É muito mais complexo.

— O que provocou sua crise do Golfo?

— Como pode imaginar, há mais de um motivo. Não ia parar de escrever por uma única razão. Mas por várias.

Govoni deixa sua cadeira de balanço e vai até um movelzinho de carvalho, daqueles clássicos, com cortina e gavetinhas. Enquanto escarafunha as gavetas de baixo, Sánchez aproveita para correr os olhos por aquele ambiente um pouco sufocante. Não consegue saber se as paredes, repletas de livros, o protegem ou ameaçam. Em três ou quatro vãos aparentes, espremidos por

dicionários e enciclopédias, há um desenho de Barradas e outro de María Carmen Portela, um gauchinho de Blanes (será uma cópia?), um óleo magnífico de Alfredo De Simone. Nenhum artista atual, registra Sánchez mentalmente, mas o De Simone o enche de saudável inveja. Nem fax, nem computador. Para quê, se não escreve mais? Só uma velha Remington, de teclas desniveladas e com icterícia, aparece como testemunha de um passado profissional.

Enquanto o escritor lhe dá as costas, curvado sobre umas pastas nas quais mexe e remexe, Sánchez repara numa certa meseta de calvície imperceptível quando estava em pé e de frente. Sua aparência geral não revela nenhum cuidado em particular, nem mesmo essa vaidade de maratonista a que alguns veteranos costumam sucumbir, mas se vê que está confortavelmente instalado na terceira idade. No entanto, quando endireita o corpo, segurando a pasta (enfim) encontrada, não pode evitar uma breve careta, como se alguma junta tivesse rangido. Mostra uma fotografia para Sánchez. Reserva outras.

— Esta é Amparo, minha primeira mulher.

A foto é colorida, mas está um pouco desbotada. Uma moça posa com naturalidade, os braços apoiados num peitoril de ferro, dedicando ao fotógrafo ocasional um sorriso franco e sedutor. Mas o que mais atrai nessa presença imóvel são os olhos, penetrantes e escuros.

— É Amparo Serrano, não? Cheguei a vê-la em *Casa de bonecas*. Eu era um moleque e a achei maravilhosa.

Govoni volta para a cadeira de balanço. Agora parece menos tenso, mas também mais desamparado.

— Na verdade, o sobrenome dela não era Serrano, e sim Morente. Dizia que lembrava moribundo, e por isso o trocou para o teatro. Tem razão: era maravilhosa.

— Quer falar dela?

— Nunca falo dela. Sabia que se suicidou?

— Não. Não sabia.

— Quase ninguém sabe. Acho que só a mãe dela e eu. E o médico da família, claro. Naquela época, o suicídio era uma coisa muito vergonhosa. Mais ou menos como a aids hoje. A imprensa montevideana jamais mencionava um suicídio local, só os do exterior. Por isso o ocultamos. Oficialmente foi um enfarte. Ora, Sánchez, não fique tão emocionado. Isso aconteceu há muito tempo.

— O senhor também se emocionou.

— Pode ser. Vivi com ela sete anos intensos. E além disso sua morte foi totalmente inesperada. Eu nunca soube por que ela fez isso. Não tínhamos nem sequer discutido.

— Quer que eu desligue o gravador para contar?

— Desligue, se quiser. Mas o que quer que eu lhe conte, se não sei de nada? Só posso lhe falar do meu desconcerto.

— E a mãe?

— Botou a culpa em mim. Como todas as mães. Nunca acreditou na minha perplexidade. Muito menos na minha dor.

— Imagino que o senhor tenha considerado algumas hipóteses.

— Todas. Infidelidade da minha parte? Meu lema sempre foi: fiel, mas não fanático. Não ria. Mas justo naquela época eu completava três anos de fidelidade ininterrupta. E ela sabia disso. As mulheres sempre sabem essas coisas. Por intuição feminina, ou por fofoca de uma amiga, mas sabem.

— Desculpe. Mas não pode ter havido infidelidade da parte dela? Ou quem sabe um indício de infidelidade? Não pode ter se apaixonado por outro homem e ter se sentido insuportavelmente culpada?

— Como os tempos mudaram! Ou dito de outro modo: como fiquei velho. Se dez anos atrás alguém me fizesse essa pergunta insolente, eu simplesmente quebraria a cara do sujeito.

— Desculpe, dom Sergio. Não pensei que... Além disso, avisei que tinha parado de gravar. Achei que estávamos falando como amigos, em confidência. Desculpe.

— Tudo bem, tudo bem. Não pense que não sei que no jornalismo atual a insolência é uma virtude. E talvez tenham razão. A intromissão na vida privada tem apelo, vende mais. Por isso vou responder. Não acho que Amparo tivesse outro homem, ou sequer pensasse em ter. Éramos muito unidos, sabe? Éramos jovens. O sexo funcionava maravilhosamente, nossos corpos se necessitavam, sentiam falta um do outro. Também devemos admitir que nós homens não somos desconfiados, e às vezes nos enganam. Mas, se somos crédulos, é por excesso de vaidade. Como é que uma mulher vai preferir outro, se tem a mim, que sou e estou ótimo? Sabe aquilo que do dito ao feito vai grande eito? Bom, só que do machista ao cornudo, o tal do eito é mínimo. Piada fraca, eu sei.

Não ligue, Sánchez. Falo por falar. Tenho absoluta certeza de que Amparo era fiel.

Govoni se balança calmamente. Mas está longe. Sánchez respeita seu ensimesmamento. Na verdade, não sabe muito bem como continuar a conversa. Por fim, Govoni volta à terra, olha para o outro como se estranhasse sua presença e nota que tem mais fotos na mão. Escolhe uma e a estende ao jornalista.

— É Julia, minha segunda mulher. Segunda e última.

Na foto, Julia e Sergio, abraçados, não olham para a câmera. Olham um para o outro. Parecem felizes. Com reticências, mas felizes.

— O senhor sabia escolher, hein? Ela tem um charme diferente do da sua primeira mulher, mas é linda.

— Essa aí, sim, me trocou por outro.

— Outro intelectual?

— Não. Um jogador de basquete. Outra forma de suicídio.

— Acha mesmo?

— Não, não acho. Mas é uma boa citação de mim mesmo. Quem a usava era um personagem do meu terceiro romance. Mas ele dizia isso porque a mulher o tinha trocado por um operário da construção. De qualquer maneira, é menos humilhante. Um operário da construção é algo, alguém. Mas um jogador de basquete... Não é absurdo?

— Não sei por quê.

— Acontece que você está pensando num atleta culto, coisa que também existe, por que não? Só que esse aí era uma besta. Puro músculo, e com um metro e oitenta e oito! Sei disso porque ele vivia anunciando a própria estatura, como quem ostenta um doutorado na Sorbonne.

— Ainda guarda um pouquinho de rancor, não?

— Nunca fui rancoroso. Ao contrário, costumo enjoar dos meus rancores. Achei que foi uma tremenda besteira da Julia, só isso. Embora reconheça que gostava dela (garanto que na cama ela fazia maravilhas), nunca estive realmente apaixonado. Julia não é Amparo. Nunca conseguiu substituí-la. Portanto, de certo modo, sua partida foi uma libertação. Seis meses depois, cansou do seu musculoso e tentou voltar. Mas eu não quis. Não por orgulho, entende? Mas por certa estética da dignidade. O certo é que nunca mais sossegou. De vez em quando ainda recebo notícias de sua vida. Andou com um arquiteto, depois

com um fotógrafo, mais tarde com um secretário de embaixada. Do Leste, claro. A última coisa que soube dela é que tinha virado feminista.

— Me diga uma coisa, Govoni: a interrupção da sua escritura tem raízes no suicídio de Amparo ou na partida de Julia?

— Quando Amparo se matou, escrevi um longo poema, aliás bem pungente, que mais tarde rasguei. Era insuportável para mim. Foi o último. Mas continuei escrevendo prosa e publicando. Depois que a história com a Julia acabou, não só deixei de publicar, como também não escrevi mais nada. E sabe qual a diferença? Quando Amparo se matou, fiquei vazio; quando Julia foi embora, me senti livre. Diante daquela morte, fiquei sem forças; em face desse abandono, as recuperei. Ou seja, parece que, pelo menos no meu caso, nem a ausência nem a liberdade foram motivo de inspiração.

— Mas o senhor disse que recuperou as forças.

— Para viver, não para escrever. Por isso hoje eu olho para meus livros como se tivessem sido escritos por um outro. Deixei de ser um autor medíocre para me tornar um leitor inteligente. E confesso que gosto muito da minha nova condição.

— Esse parágrafo poderia estar no seu romance *La falsa modestia*. Honestamente, o senhor acha que essa obra foi escrita por um autor medíocre?

— É o caso, quase milagroso, de um excelente romance escrito por um romancista, não diria medíocre, mas mediano. Que acha desse autodiagnóstico?

— Um auto-engano. Ou talvez uma simulação.

— O senhor não gosta muito de mim, não é?

— Que é isso? Sou um dos seus leitores mais fiéis, e por isso me sinto frustrado com seu silêncio literário.

— Espero que entenda que livrá-lo da sua frustração não é incentivo suficiente para eu voltar a escrever.

— O senhor também não gosta muito de mim, não é?

— Não mesmo. E sabe por quê? Porque o senhor e eu somos dois hipócritas, mas eu levo vantagem por minha maturidade. A hipocrisia imatura é insuportável para mim.

— E por que caralho, então, o senhor concordou em me dar a entrevista?

— Não se irrite, amigo. Não se irrite. Eu concordei em lhe dar a entrevista, é verdade, mas como me considero um homem livre, retiro a doação.

— Agora é tarde, Govoni. Está tudo gravado.

— Eu sei, eu sei. Foi aí que eu vi que o senhor era um hipócrita imaturo: quando falou que não estava gravando, e a luzinha vermelha continuava acesa. O senhor tentou escondê-la, mas eu não caí. Um hipócrita imaturo.

— Antes de mais nada, sou um jornalista. No jornal não me pediram uma entrevista de cunho literário, mas que lhe fizesse uma única pergunta: por que parou de escrever?

— E acha que eu respondi?

— Está gravado, Govoni.

— É, está gravado. Mas o senhor, moço, agora vai abrir seu aparelhinho, vai tirar a fita e colocá-la calmamente em cima dessa mesa. O senhor e eu somos um par de hipócritas, mas os dois sabemos que a fita vai ficar aqui, não é verdade?

Sánchez aperta os lábios, sem pestanejar. Depois estica dois dedos e aperta a tecla *eject*.

\* Este texto é o primeiro capítulo do romance coletivo *La muerte hace buena letra* (Ediciones Trilce, Montevideo, 1993), escrito por 11 narradores uruguaios. Foi incluído neste volume como relato independente, com autorização da citada editora.



# Ausências

## 1

Respondendo a uma saudade que era quase um hábito, Fabián abriu a carteira e tirou com cuidado o papel, já amarelado, dobrado em quatro. Era o último bilhete de Juliana, escrito cinco anos antes: “Fabianzuelo: que maravilha de dia passamos ontem. Não quero mais nada da vida. Assim já está ótimo. Para que mais? Acho que nunca me senti tão à vontade contigo e comigo, com teu corpo e com meu corpo. Agora, é pena, tenho que ir embora, mas é só por uma semana. Já sinto a sua falta, já queria ter você de novo. E que você me tivesse. Tomara que dure essa necessidade um do outro. E é só. Não te mando beijos de papel, porque não podem competir com os de verdade. Só de lembrar, me arrepio. Até sábado. Juliana.”

Com o papel ainda aberto na mão, Fabián olhou pela janela. O ônibus atravessava uma campina levemente ondulada, com trigais de ambos os lados da estrada. Mas ele olhava sem ver. Fabianzuelo. Fabi-anzuelo. Juliana o chamava assim porque, dizia, ele a fisgara, e muito bem fisgada, com seu anzol, que felizmente não a soltava. Tinha razão: aquele dia foi como um milagre. Nunca imaginara tanto entendimento, tão angustiante felicidade. Angustiante porque ele sempre intuiu que era o fim. Tomara que dure, ela escreveu. Mas não durou. Juliana sumiu. Ele a procurou, de início com perplexidade, depois com desespero, mais tarde com paciência, com rigor, sempre com tristeza. Soube que a família também a procurara com afinco, mas eram tempos difíceis para qualquer busca. Ninguém sabia de nada, e quem sabia, mentia sem hesitação. Mentiam que ignoravam, mas nunca ignoravam que mentiam. Para Fabián, a imagem de Juliana ocupava toda sua cota de saudades. Uma saudade que ele sentia na boca, nos olhos, nas mãos, nas pernas, no sexo. Juliana não era a ausente, mas a Ausência.

## 2

Há quanto tempo Fabián Alvez não pisava os paralelepípedos de San Jorge? Tinha a impressão de que não apenas seus pés, mas também seus sapatos

davam por falta do asfalto da Capital. Ainda assim, aquela tranqüilidade quase abusiva lhe fazia bem. Como se só agora se desse conta de que durante anos sentira saudades dessa calma. As ruas arborizadas eram uma moldura perfeita para o passo arrastado das pessoas. Até os pássaros contribuíam com seu ritmo de verão. Iam de árvore em árvore, sem alvoroço, planando com as asas inertes, ou voando com uma alternância preguiçosa, como se fossem pássaros de sonho. Mas não eram de sonho. Só não estavam atentos aos alarmes e semáforos da metrópole. As casas e casinhas eram modestas, mas recém-pintadas de um branco fosco: um fundo mais ou menos adequado para as janelas e persianas verdes. Eram sete horas da tarde, e por entre as árvores se via o rio.

A pensão Brescia ainda sobrevivia. Pobre, decente e limpa. Deram-lhe um quarto amplo. Tinha uma cama com cabeceira de bronze bem polido, uma mesa de pinho nodoso, duas cadeiras e um guarda-roupa com as portas um pouco desencontradas e prateleiras com um passado de traças. Pôs a mala sobre a mesa, mas nem sequer a abriu. Tirou o paletó, o cinto e os sapatos e se deitou na cama, que rangeu, queixosa. No teto havia uma mancha escura, uma espécie de círculo com franjas. Colocou os óculos para ver de que cor era aquela monstruosidade. A mancha era marrom. Mirando lá, mirando lá (divertiu-se pensando: Pico della Mirandola), dormiu.

Durante todo esse tempo de malquista solidão, sonhar com Juliana era um prêmio para ele. Raras vezes o merecera. Mas desta vez sonhou com ela. Avistou-a ao longe. Estava sentada num banco da praça, não em San Jorge, mas em Cabañas. Estava de blusa vermelha e saia clara. Ela acenou com o braço, e ele resolveu se aproximar. Mas, à medida que avançava, o banco ia-se afastando. E Juliana junto com o banco. De início o sol batia em seu rosto, mas, graças àquele deslocamento, Juliana e o banco foram entrando na zona de sombra. Fabián teve que correr para alcançá-los, e quando enfim estava a seu lado, estendeu a mão para ela e conseguiu livrá-la daquela alienação. Mais do que um carrossel isto aqui parece um carroção, disse ele, e ela sorriu. Abraçou-a pela cintura, ainda sem beijá-la, e lhe perguntou quando pensava voltar. Ela sorriu, seduzida e sedutora, mas no exato instante em que ia falar, ele acordou.

### 3

Na manhã seguinte, depois do café (média, torradas e geléia de pêssego), saiu para reconhecer, quase para recuperar a cidade. Nas acácias e nos

cinamomos da praça notava-se o tempo transcorrido. Como se tivessem entrado na terceira idade. A fachada da igreja estava descascada, mas mesmo assim impunha respeito. Quatro ou cinco meninos jogavam bola, passando-a com precoce elegância e evidente convicção de que um futuro de estrelas os esperava.

Fabián atravessou a praça em diagonal e entrou na rua Dragones. Sabia o que procurava. Diante do número 12-A, parou. Nunca entendeu o acréscimo do A, pois não havia nenhum 12. Uma das persianas estava fechada; a outra não. Na calçada em frente passaram dois casais e um senhor de bengala. Todos o olharam com a curiosidade que costuma provocar um rosto desconhecido. Por fim, resolveu empunhar a pesada argola de bronze, e as batidas soaram na rua de domingo como duas marteladas. As verdes persianas do 25 e do 28-A (também não havia um 28) pestanejaram de leve. Por fim, depois de um tempo, a porta se abriu. Apareceu uma moça, bonita, com uma bata branca. De início o olhou com reprovação, depois sorriu. Ele disse bom-dia e perguntou se ali morava ou tinha morado Juliana Risso. “Sim, mas faz muito tempo.” “Você é a irmã dela?” “Sou.” “Carmela?” “É, e você quem é?” “Fabián.” “Ah, o namorado.” “Pelo menos fui, por um tempo, antes de Juliana sumir.” Carmela pareceu vacilar. Dedicou-lhe um novo olhar de avaliação. “Quer entrar?” “Se não for incomodar.”

#### 4

O pátio interno era aconchegante e luminoso. Um dos muros, quase totalmente coberto por uma trepadeira invasora e compacta, atenuava a sensação de abafamento. Com um gesto, a moça sugeriu que tirasse o paletó, e ele obedeceu. Ela ficou esperando, e ele perguntou se tinha alguma notícia de Juliana. “Nenhuma. Faz cinco anos que parou de me escrever, nunca mais soube dela. Agora já não choro, mas chorei muito. Não era só minha irmã, era também minha amiga, minha companheira, minha confidente.” “E ao que você atribui esse silêncio?” “A terem sumido com ela, como com tantos outros. Ou você não sabe que a democracia não chegou aos cemitérios? Só os vencedores têm túmulos.” “E seus pais?” “Eles não lutaram e portanto não foram vencedores, mas pelo menos têm túmulos. Meu pai morreu tem três anos. Minha mãe, no ano passado.” “Você mora sozinha?” “Não, moro com meu tio e meu irmão, mas eles só vêm no fim de semana. Os dois trabalham

no campo.” “E não pensou em ir para Montevideú?” “Para fazer o que lá? Além disso, não posso ir embora, eu também, como a Juliana, e deixar os dois, que são tudo que me resta.” Por um momento Fabián ficou sem assunto, mas ela perguntou: “E você? Por que nunca apareceu por aqui?” “É uma longa história e não sei se quero contá-la.” Ela jogou a cabeça para trás, como reagindo a uma agressão. Fabián tentou lançar uma ponte mínima, ainda frágil: “Posso convidar você para almoçar? Se bem me lembro, na praça tinha um bar onde se comia bem.” Carmela considerou a oferta por um minuto. “Não, melhor não.”

## 5

Às onze da manhã o sol ardia. Com o paletó no braço, Fabián foi caminhando para o rio. Quando enfim chegou, deitou na grama, entre dois pinheiros ainda vigorosos. Esse rio, que quase não corria, tinha contudo seu encanto. Talvez porque quisesse ser um lago e não era. Seu movimento só era visível na margem, onde de vez em quando vinha lamber a escassa areia.

A relação com Juliana se consolidara em Montevideú, mas nas poucas vezes que vinham a San Jorge, gostavam de compartilhar seus silêncios com o silêncio do rio. Lá não se beijavam, nem sequer se abraçavam. Somente se olhavam, mas eram olhares de uma intensidade impossível na cidade grande. Isso só acontecia perto do rio. As trepidações, as freadas e buzinas da estrada zombavam um pouco dessa calma antiga, mas estavam muito longe para desvirtuá-la. Agora Fabián, calado de saudade, registrava a ausência daquele silêncio contíguo, daquele olhar que penetrava no dele e vice-versa.

Nos três anos que precederam o sumiço de Juliana, não tinha havido espaço nem pretextos para a infidelidade. A história de seus sentimentos estivera como que embutida na angústia social daquele tempo e os livrara de qualquer frivolidade na hora de pensar em si mesmos. Afinal, pensava Fabián, assumir a tristeza não é tão ruim como parece. Há uma estranha alegria em saber que ainda conseguimos ficar tristes. Significa, entre outras coisas, que não estamos perdidos. Às vezes, Fabián recordava, nosso abraço apertado incluía desolação, não por nós, mas pelos outros. E até o orgasmo podia-se transformar, por incrível que pareça, numa estação de luto. Por sorte, o melhor do sofrimento sempre arrasta junto um pouco de amor.

Enquanto isso o rio, obstinado em não fluir, em se exhibir quase imóvel, era uma nova versão daquele velho silêncio. Fabián se sentiu em paz, mas uma paz

dolorosa, pródiga em enigmas, desordenada. Olhou para as mãos com um pouco de pena e outro pouco de condescendência. Causava-lhe amargura e assombro ver que as dele eram mãos que não tocavam, não apalpavam, não acariciavam. Mãos solitárias, abandonadas, viúvas.

## 6

Com o passar daquele outono ameno, o quarto da pensão Brescia foi adquirindo intimidade. Agora a mesa tinha livros, uma caderneta de anotações, na parede um pôster com árvores e uma estátua de costas. A clientela da pensão era gente de passagem: em geral, caixeiros-viajantes que apenas pernoitavam; portanto, no café-da-manhã havia espaço apenas para um rouco bom-dia e um tchau indiferente.

De manhã ia ler na praça. As pombas, mais brancas que em outros lugares, e que de início se agitavam em sua fuga ritual, agora já o aceitavam como uma presença familiar. De tarde, às vezes, visitava Carmela. Nunca aos sábados nem aos domingos. Não se animava a enfrentar o presumível interrogatório do tio e do irmão.

Cada vez se sentia melhor com a moça. Ela também se sentia à vontade, acompanhada. No início falavam quase que exclusivamente de Juliana. As lembranças de Fabián e de Carmela se complementavam, e a imagem da ausente ia ganhando relevo. Carmela dizia que a irmã sempre mantivera uma zona de mistério. A mais nova se abria com Juliana numa simples tática para estimular sua confiança, mas a outra não cedia à provocação. Falava de muitas coisas (interessantes, reveladoras), mas nunca de si mesma.

Fabián sabia mais (não muito mais) de Juliana, mas, como esta se calara, revelar a Carmela uma peripécia ou um traço adicionais lhe parecia uma mínima porém evidente traição.

“Eu sei que você sabe mais coisas”, dizia Carmela, “mas compreendo sua reserva. Imagino que devem ser como as chaves da sua relação com ela. Ou não?” Fabián não negava. Apenas sorria, paciente e amigável. A simpatia da moça era como uma versão preliminar, quase um rascunho, do encanto indelével de Juliana, mas também havia tons de voz, gestos durante o silêncio, olhares insondáveis, que traziam a lembrança da imagem ausente. Carmela era discreta. Não perguntava nada. Simplesmente escutava as poucas coisas que

Fabián contava, e sempre achava nesse informe fragmentado algum detalhe inédito que incorporava ao seu registro.

Chegou um dia, no entanto, em que a evocação de Juliana atingiu seu limite, e os testemunhos de uma e do outro começaram a se repetir. Então entraram, sem prévio acordo, em dois territórios sem censura: a infância de Carmela e a infância de Fabián. Foi um alívio para os dois ir descobrindo a memória sem entrelinhas nem restrições. Brincaram de recuperar imagens ou episódios determinantes. Fatos ou palavras que abriram um caminho ou vedaram outro.

Carmela narrou a história de Facundo, um menino, filho de camponeses, levado pelos pais à mesma escola rural em que ela estava terminando o primário. A professora (a única coisa de que se lembrava era que se chamava María Eusebia) chamou-a e disse: “Temos poucos recursos, somos pobres, precisamos ajudar uns aos outros. Você é (em aula teria dito: tu és) a primeira da classe. Sabe ler e escrever perfeitamente. Facundo não. Então, a partir de amanhã, depois da aula, você vai ficar uma hora a mais para ir ensinando as coisas para ele. Já conversei com seus pais, e eles concordaram.” Quando Carmela se recuperou do susto inicial, começou a gostar da idéia. Facundo era analfabeto, mas muito esperto. Na verdade, ela não seguiu nenhum método, nem clássico, nem improvisado, mas o menino foi aprendendo com uma facilidade espantosa. Em poucos meses sabia o fundamental. No início escrevia com letras de forma, quadradas e mal traçadas, todas maiúsculas, mas aos poucos foi-se arriscando, e sua caligrafia passou a ser mais fluente, ainda rudimentar, mas já diferenciando as maiúsculas das minúsculas. Anos mais tarde, Carmela soube que Facundo alfabetizara os pais, como um jeito de agradecer a Carmela pelo que havia feito por ele. O que a marcou, mais do que a aprendizagem direta de Facundo, foi essa continuidade, a inesperada constatação de que seu trabalho (que para ela, uma menina de apenas 11 anos, foi um sacrifício assumido com entusiasmo e rigor) não se esgotara no menino analfabeto, mas se projetara não só para o futuro (Facundo acabou virando professor), mas também para o passado, ou seja, seus pais.

“Perto de uma história tão comovente como essa”, disse Fabián, “minha própria infância não é nada. Sua lembrança é um campo positivo: você criou e preparou alguém para continuar criando. Acho isso maravilhoso. Quem me dera ter uma lembrança assim. Mas não tenho. Minha lembrança mais marcante é triste, sombria. Meus pais eram bem pobres, e morávamos num

bairro muito humilde. Nossa casa, como as demais, era uma espécie de barraco coberto com velhas chapas de zinco. Num desses casebres morava uma mulher, viúva, de uns 60 anos (para a escala dos meus 12, já uma velha), que, em sucessivas pendências com parentes do marido, tinha perdido a herança não muito grande deixada por ele. Vivia de uma pensão baixíssima, e com ela tentava a duras penas cobrir suas necessidades básicas. Não tinha amigos em Montevideu e era orgulhosa demais para pedir ajuda a uns sobrinhos que moravam em Fray Bentos. Comigo era carinhosa, dizia sempre que eu lembrava um pouco ‘o falecido’. Eu não sabia se devia ficar feliz por essa semelhança. O caso é que volta e meia ela me pedia para eu fazer alguma coisa. Nem ela nem nós tínhamos telefone, então, como nossas casas eram quase vizinhas, ela aparecia na porta e batia num sino. Nunca aceitei nenhum dinheiro, pois mesmo nessa idade achava que a gorjeta entre pobres era não apenas humilhante, como sempre é, mas também ridícula. Sua melhor gorjeta era o afeto. Ela conversava comigo, perguntava sobre a escola, contava histórias, sempre divertidas, de quando morava no México, com o companheiro. Eu me sentia à vontade, também gostava dela. Até que se passaram quatro dias sem que o sino tocasse, e eu resolvi ir até a casa dela, pensando que talvez estivesse doente, precisando de alguma coisa. Bati na porta, mas ela não veio abrir. Teria ido embora sem avisar ninguém? Fui até a única janela e olhei para dentro. O que vi foi chocante. Minha velha amiga tinha se enforcado. Não me pergunte como ela conseguiu, mas lá estava seu corpo mirrado, pendurado. Saí correndo e chorando para contar aos meus pais, mas não quis voltar com eles e ver de novo minha primeira morta. Depois vieram outras, mas nunca vou esquecer essa primeira dor, essa primeira noção da nossa fragilidade, de como, no abandono, a tentação da morte pode ir ganhando força.”

Quando acabou sua história, Fabián olhou para Carmela e viu que estava chorando. Aproximou-se dela e a abraçou com uma ternura tão intensa, que para ele próprio foi uma novidade. Ela disse apenas:

“Não se preocupe. Afinal, como você disse outro dia, há uma certa alegria em saber que ainda conseguimos ficar tristes.”

Afinal conseguiu levá-la ao bar da praça. O dono era um napolitano especialista em nhoques. Na verdade, mais que seu prato especial, era, de segunda a sexta, seu prato único, já que os outros, bife à milanesa e espaguete, só entravam no cardápio dos fins de semana. Então, como era quinta-feira, pediram os nhoques obrigatórios. Que aliás estavam deliciosos. Também pediram o *tinto da casa* e, quando resolveram brindar, os dois disseram quase ao mesmo tempo: “À nossa.” Carmela corou, e era um rubor de culpa. Fabián estendeu a mão sobre o papel branco que cobria a mesa até alcançar a mão de Carmela. “Que foi?”, perguntou sorrindo, “você não quer nosso bem?” “Sim, claro”, balbuciou Carmela, e optou por se concentrar nos nhoques.

Depois falaram de San Jorge e de sua vidinha. Era um lugarejo sossegado, com pouco movimento, “até irritante de tão sossegado”, dizia Carmela. De acordo com o último censo: oito mil habitantes, com evidente predomínio de idosos e famílias pouco numerosas. Modesto centro de uma zona rural, eram poucos os jovens que ficavam para trabalhar no campo. A maioria fugia para a capital, para continuar os estudos ou procurar um trabalho mais bem pago. Boa parte dessa emigração não conseguia seus objetivos e se retraía em dois níveis de fracasso: o dos que perambulavam atrás dos mais miseráveis biscates e os dos que voltavam, resignados e murchos, à dura lide da terra. A cem metros da Plaza Constitución (nome grande demais para um lugar tão pequeno) ficava o modesto Clube Social, onde nas noites de sábado passavam filmes e de quando em vez se apresentava algum cantor folclórico. Mas o divertimento primordial era, como em todo lugar, a televisão, e as antenas disputavam com os varais de roupa o território dos terraços. Isso contribuía para que aquele conglomerado de aposentados civis e de alguns militares reformados se enclausurasse em cada salinha ou quarto para ficar em dia com os fatos do mundo vasto e alheio, e principalmente para agitar o coquetel de suas emoções com a novela brasileira do momento.

Carmela tinha poucas relações na cidade. Quase todas as suas colegas de escola tinham ido para Montevideu e nem nas férias voltavam a San Jorge. Às vezes, no açougue ou no mercadinho local, encontrava algumas mulheres, quase todas idosas, com as quais trocava cumprimentos, sorrisos e comentários banais que pareciam cópia dos do dia anterior e de todos os outros dias anteriores. As mais atiradas ousavam perguntar se tinha notícias da irmã, e ela respondia o mesmo de sempre. E uma delas, com cara de bruxa, insistia sempre com a mesma pergunta: “Verdade que você não tem namorado?” E



acrescentava: “Estranho, porque você é muito mais bonita que sua irmã, a que sumiu.” Carmela cerrava os dentes e não dizia nada.

## 8

Quatro ou cinco dias depois, numa tarde de chuva intermitente, ao comparecer mais uma vez ao 12-A, Fabián se deparou com uma Carmela sombria, de olhos chorosos, como se de repente sua juventude carregasse o peso de mais cinco anos. Diante da pergunta muda de Fabián, disse apenas: “Não se preocupe.”

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não, nada. É que eu sou uma boba e às vezes fico deprimida sem motivo. Sinceramente, não sei por que chorei. Quem sabe seja essa garoa que deixa tudo cinza. Quando não tem sol, me bate uma tristeza imensa.”

Justamente por causa do mau tempo, não puderam ficar no pátio. Carmela disse: “Vamos para a cozinha, que eu te faço um café.” Então, enquanto ela vigiava a cafeteira, de costas para Fabián, ele a viu tão frágil, tão indefesa, tão tomada por um medo inútil, que também se sentiu frágil, mas principalmente comovido. Sem pensar duas vezes, aproximou-se da moça e a abraçou por trás. Mas o abraço não foi tão apertado, que a impedisse de virar e encará-lo.

Ele começou a beijar seus olhos, de novo em lágrimas, e quando chegou à boca, ainda de lábios cerrados, sentiu que alguma coisa estava acontecendo com ele. E com ela, que, pouco a pouco e como à própria revelia, foi entreabrindo os lábios até receber o beijo com ansiedade e tristeza. Ele teve suficiente presença de espírito para estender um braço e desligar a cafeteira, que começava a transbordar, mas com o outro começou a desabotoar aquela bata branca, sempre impecável, que era como o uniforme de Carmela. Entregou-se, meio resignada, mas quando Fabián acabou de tirar sua bata, ela cruzou os braços sobre o peito e repetiu várias vezes: “Não sei, não sei, não sei.”

“Sabe sim”, ele disse e acabou de despi-la. Então ela o abraçou, mas ainda não como uma resposta amorosa, e sim para ocultar sua nudez de Fabián e de si mesma. Ele a pegou no colo (era tão leve) e a levou para dentro da casa. Deduziu que em algum lugar devia haver uma cama, mas teve de achá-la por conta própria. Ela estava ocupada demais com seus escrúpulos para servir de guia.

Quando ele, também sem roupa, enfim se deitou a seu lado, ela fez um alerta honesto, um necessário aviso aos navegantes: “Sou virgem.” Fabián limitou-se a sussurrar ao seu ouvido: “A virgindade faz mal à saúde, sabia?” Ela achou graça naquela saída extemporânea, sorriu para si mesma e só então relaxou, desfrutando das carícias e acariciando.

## 9

Fabián e Carmela se sentiam bem em sua nova ligação. Tinham, no entanto, uma contradição em comum. Uma contradição chamada Juliana. Por um lado, tinham saudades dela, por outro, sabiam que seu improvável regresso complicaria a relação nascente. Mas como abrir ou fechar a porta do futuro? Cada alternativa encerrava vantagens e desvantagens.

“Sou feliz com você, mas às vezes não me suporto”, confessava Carmela. Fabián sabia o porquê, mas ainda assim perguntava. “Penso na Juliana”, ela dizia. “Juliana não está, Juliana foi embora e não está mais aqui”, ele respondia sem muita convicção. Tinha seus motivos para essa incerteza: quando fazia amor com Carmela, pensava em Juliana; quando abraçava o corpo tão jovem de Carmela, tinha saudades do corpo mais maduro de Juliana. E Carmela sabia dessa substituição. Paradoxalmente, o conseqüente desgosto se tornava para ela um incentivo, num novo grau de excitação erótica.

Nos fins de semana, quando o tio e o irmão de Carmela voltavam do campo, Fabián não batia a argola de bronze do 12-A. Ficava trabalhando na pensão Brescia. Num desses domingos de rotina familiar, Carmela comentou, de passagem e sem dar muita importância, sobre a presença de Fabián em San Jorge. “Por questões de trabalho”, acrescentou por precaução. Os homens nada disseram. Carmela sempre desconfiou que eles nunca haviam simpatizado com Fabián. Sempre atribuíram à sua influência o envolvimento de Juliana numa militância absurda, misteriosa, e portanto o consideravam responsável, direto ou indireto, por seu inexplicável desaparecimento.

Na pensão, o quarto de Fabián adquirira um aspecto mais ou menos caseiro, e tanto a dona como os empregados lhe dispensavam um tratamento familiar. Ele aproveitava os fins de semana sem Carmela para escrever os artigos que enviava a um jornal montevideano, de ideologia estranha à dele e que lhe pagava uma miséria, mas que pelo menos lhe permitia sobreviver. O mar não estava para peixe. É verdade que já não havia censura oficial e explícita, como

nos 12 anos de ditadura, mas continuava existindo a extra-oficial e inconfessada, exercida pelos responsáveis de cada jornal, homens que sangravam em saúde.

Tendo sempre em conta seu passado recente e um tanto tenebroso, Fabián limitava-se a comentários literários, resenhas de livros e enfoques comedidos o bastante para que ninguém fosse levantar sua ficha e seu histórico. Ainda sobreviviam impugnadores vocacionais para quem Kafka, Svevo ou Baudelaire eram potenciais corruptores das novas fornadas, e também novas fornadas “pós-pós-modernistas”, criadoras de um novo gênero, a crítica com ódio, que nada sabiam sobre Henry Miller, talvez um pouco pornográfico, mas genial, mas eram fanáticos incensadores de Bukowsky e Lyotard, que também não tinham lido.

Fabián sabia que não podia ficar muito tempo em San Jorge sem viajar para Montevideu e passar pela redação do jornal, para que pelo menos o responsável pela seção de cultura tomasse conhecimento da sua presença autoral e não o tratasse como um fantasma de segunda classe. Por outro lado, a única maneira de receber sua magra paga era comparecendo à espremida administração, não sem antes obter a assinatura e o carimbo quadrado e roxo estampado pelo chefe de redação.

Portanto, na terça-feira, foi até o 12-A e disse a Carmela que ia passar umas três ou quatro semanas em Montevideu. Motivo (ou pretexto, ruminou Carmela no ato): seu trabalho no jornal. Depois, na cama, a desconfiança se dissipou, e Carmela se sentiu mais mulher do que nunca. Assim, acariciando e penetrando Carmela-Juliana e sentindo-se acolhido por um amor leve, gostoso apesar dos receios, Fabián pensou que talvez não precisasse ficar tanto tempo na capital.

## 10

Montevideu estava ensolarada e cheia de gente. As cidades com sol costumam ser acolhedoras. Talvez por isso no jornal o trataram melhor que de costume. Um tal Ferreiro, que era o novo responsável pela seção de cultura, se mostrou tão entusiasmado com seus artigos que resolveu aumentar seu ordenado.

De repente, Fabián reparou melhor na aparência do novo chefe, tentou visualizar seu corpo com dez quilos a menos e, diante da imagem revelada,

disse em voz baixa: “Me diga uma coisa, você não era o Vélez?” E o outro, não menos cauteloso: “Era, sim. Durante três anos, e, cá entre nós, bem agitadinhos. Mas na verdade me chamo Ferreiro. Você também não era Fabián, meu caro Medardo.” Riram em surdina e desceram para o café.

Só então Ferreiro resolveu perguntar: “E da Melba, você soube alguma coisa?” Melba era o codinome de Juliana. “Absolutamente nada. Não sei se desapareceu ou desapareceram com ela, mas não deixou rastros. Ninguém sabe de nada.” “Ou sabe e não quer falar.” “Tudo é possível.”

Evocaram longamente aquela rebelião sem raízes e com mortes. Ferreiro ainda conservava uma ponta de otimismo, mas nada muito transbordante, nada para se ostentar nem mesmo na intimidade. Resumiu assim sua minguada mas resistente confiança: “Devemos reconhecer que, com o nosso medo, pelo menos conseguimos que eles também ficassem com medo. Foi uma operação difícil e fracassada, mas alguma coisa ficou, você não acha?” Fabián não achava tanto. O que tinha ficado eram brechas que ninguém se preocupava em preencher. Passara-se da solidariedade à indiferença, com uma breve escala na compaixão. Para Ferreiro, essas brechas deviam ser preenchidas com processos judiciais, com educação universal, com a defesa da soberania, mas sem armas, só com o povo na rua. “Viu no Brasil, como tiraram o corrupto do Collor? Sem dar um tiro, só com as multidões nas ruas. E na Indonésia? Depois de tanta guerra, foram os estudantes na rua que derrubaram Suharto. E não se esqueça de Chiapas, com essa guerrilha indígena, insólita guerrilha de paz, que a única coisa que quer é não ficar fora da Constituição. Acho que a história do México vai se dividir em duas épocas: antes e depois de Chiapas. Temos que aprender, Medardo, não com os governos, que ensinam pouco e mal, mas com as pessoas, que em última instância sabem o que querem.”

## 11

Fabián precisou ficar em Montevideu não duas, mas três semanas, mais por problemas familiares que pelo trabalho. Sua mãe, viúva desde 1985, não entendia por que o filho não ficava com ela. “Se você ainda acha que a Juliana vai aparecer, pode esperar sentado. Com 30 anos, você ainda tem toda uma vida para viver, mas de nada serve você se enterrar numa cidade sem futuro como San Jorge.” “Lá eu trabalho mais sossegado.” “Trabalho? Artiguinhos, só isso. Quando é que vai escrever aquele romance que planejou com tanto

cuidado quando seu pai ainda era vivo? Ele tinha muita esperança no seu futuro de escritor. Um futuro que ficou no passado. Em vez de romancista, simples resenhista. E a culpa não é da Juliana, coitada, vai saber que fim ela teve, mas da política. Foi a política que lhe estragou o futuro. Você estudava agronomia. E agora?” “Tudo bem, Lucía (nunca a chamara de mãe). Vou tentar me emendar.” “Onde? Em San Jorge?”

## 12

Para San Jorge e, claro, para a pensão Brescia, voltou dois dias depois da ríspida conversa com a mãe. A proprietária o recebeu como um filho pródigo. E ele tornou a montar seu refúgio provisório com ares de definitivo. Livros, papéis, e dessa vez levou também o computador portátil. Ou seja, não faltava nada. Pensou que não era tão desatinada a idéia materna de retomar seu velho projeto de romance. Afinal, era uma história de fantasmas, coisa que andava na moda. Sem lençóis, mas fantasmas, que não só desapareciam, mas que também comiam, tomavam banho, corriam, fornicavam, choravam e riam. Algo assim como uma humanidade clonal. Claro que ele tinha pensado tudo isso muito antes da ovelha Dolly. Só precisava acertar os detalhes e o enredo. Mas isso depois. Agora tinha que escrever o artigo de praxe. Devia aproveitar que o novo chefe era o Ferreiro-Vélez, portanto soltou o verbo contra o Mercosul e sua influência nefasta sobre a cultura da região. Almoçou no bar do napolitano (nhoques, claro), voltou para a pensão para uma rápida sesta e, no meio da tarde, depois de um banho revigorante, foi bater no 12-A, sem imaginar o que o esperava.

Quem abriu a porta não foi Carmela e, sim, Juliana. Mal pôde ver como estava, pois ela o abraçou com sofreguidão, chorando, quase gemendo — de alegria? Só quando afinal conseguiu se separar dela e lhe oferecer um lenço para amparar seu pranto, só então constatou que a Juliana de agora não era a de sempre. Mais magra, mais pálida, menos vital, com as mãos mais finas e uma tristeza que contaminava todo o conjunto. Foram se sentar no pátio, de frente para a trepadeira invasora. Fabián viveu aquilo como uma cena repetida. Aparentemente não havia mais ninguém na casa.

Atreveu-se a perguntar: “E a Carmela?” “Carmela foi embora”, disse Juliana, já mais calma. “Sei que vocês se deram muito bem. Ela deixou lembranças para você.” “Ah. Mas para onde ela foi?” “Não quis dizer. Só disse

que estava cansada de tantos anos em San Jorge, e que, já que eu tinha voltado e podia cuidar do tio e do meu irmão Arnoldo, ela também exigia seu direito de desaparecer. Que é que eu podia dizer, depois da minha longa ausência? Contado assim, parece uma vingança, mas ela me disse essas coisas sorrindo, acariciando meu rosto, como se quisesse se convencer de que sua irmã voltava a existir. A Carmela é tão boa, não acha?” “É, sim”, respondeu Fabián.

Foram para a cozinha, e Juliana ligou a cafeteira. Outra cena repetida. Atrás dela, Fabián recordou outro momento semelhante e bem próximo, mas desta vez não teve o impulso de abraçar. Tomaram café, e ele disse: “Bom, agora que você está mais calma, me conta como foi tudo, o que aconteceu, por que desapareceu.” “Não, Fabián, não vou contar nada. Nem a você, nem a ninguém. Também não vou perguntar o que aconteceu na sua vida durante todo esse tempo. Não quero saber se você teve ou tem outra mulher. Acho que o melhor é os dois deixarmos de lado nosso respectivo passado, não o de antes, que já conhecemos, mas o de agora, que ignoramos.” “Mas por que esse mistério? O que lhe fizeram? O que você fez?” Ela pôs uma das mãos sobre os lábios dele, com a outra cobriu os seus próprios. “Às vezes, é melhor viver que reviver.”

Só então Fabián percebeu que Juliana estava usando a bata de Carmela. Ela o tomou pela mão e o levou para o quarto que era de Carmela, mas que antes fora seu. “Calma, Fabianzuelo”, disse e começou a desabotoar sua camisa até tirá-la, depois afrouxou o cinto, e então ele decidiu tirar a calça. Juliana abriu a bata branca de Carmela. Dentro estava, sem outro impedimento, o corpo de Juliana.

Fabián a levou até a cama e foi ela quem começou a rodada de carícias. Quando ele quis imitá-la e quando suas mãos foram deslizando por aquele corpo que tanto havia desejado e ainda desejava, encontraram de repente uma profunda cicatriz no ventre. Sentiu que sua ereção murchava e aprumou meio corpo. “Que é que é isso? Que fizeram com você?” “Não pergunte, meu amor, é tudo história velha, passada, apagada. Não pergunte, meu amor. Vamos ter prazer um com o outro. Como antes, como agora. Por favor, vamos aproveitar e ter prazer. Estamos juntos não é? Então nos entreguemos ao nosso amor.”

De novo Fabián mergulhou naquele corpo castigado e aos poucos foi se recuperando. No meio do vaivém erótico, porém, e até em pleno orgasmo a duas vozes, Fabián percebeu que sentia falta de uma nova ausência, comprovou com angústia que tinha saudade (e que teria saudades para sempre) daquele

outro corpo, o de Carmela, por ele inaugurado. Não conseguiu evitar que no instante supremo esse nome lhe escapasse da boca, e que Juliana, que tão obstinadamente se negara a falar do seu passado imediato, tivesse de repente um doloroso acesso ao passado recente daquele homem que a penetrava, como se seu corpo, o de Melba-Juliana, fosse o corpo de outra. Nada menos que o de sua irmã, que era só Carmela, sem nome de guerra.

Correio do tempo



## Correio do tempo

No correio do tempo se acumulam  
a paixão desolada/ o gozo trêmulo  
e lá fica esperando seu destino  
a paz involuntária da infância/  
há um enigma no correio do tempo  
uma aldrava de queixas e candores  
um dossiê de angústia/ promissória  
com todos os valores declarados

No correio do tempo há alegrias  
que ninguém vai exigir/ que ninguém nunca  
retirá/ e acabarão murchas  
suspirando o sabor da intempérie  
e no entanto/ do correio do tempo  
sairão logo cartas voadoras  
dispostas a fincar-se em algum sonho  
onde aguardem os sustos do acaso

## Com os golfinhos

María Eugenia: Acho que você vai entender por que não começo esta carta com “querida mamãe”, como eu fazia na distância das minhas antigas férias. A esta altura, nós duas sabemos (você sempre soube; eu, há apenas três anos) que você não é minha mãe, assim como Pedro Luis também não era meu pai. Agora que ele está morto, me dá um pouco de pena saber que você ficou irremediavelmente sozinha. Mas tenho muito mais pena dos meus pais verdadeiros. Sei de fonte segura, como você, que eles foram jogados de um avião no mar, e que foram jogados vivos. Agora é quase impossível provar se isso é verdade ou mentira, mas tendo a achar que é verdade, pois a comprovada sanha dos amigos de Pedro Luis, embora ainda nos impressione e nos repugne, foi uma coisa bem real.

No ano em que cheguei à casa dos meus avós, vez por outra eu ainda sonhava com você e com ele e não podia evitar uma última onda de carinho. Na época eu não sabia de toda a verdade. Mas agora, quando Pedro Luis aparece nos meus sonhos, acordo completamente enojada e quase sempre tenho que correr para vomitar no banheiro. Com você é um pouco diferente, pois de certo modo também foi vítima: lhe meteram nesse escárnio sem nem se darem ao trabalho de pedir seu consentimento.

Agora, reconstruindo nossos ambíguos 15 anos de vida em comum, lembro o estranho olhar que em certas ocasiões (cada vez menos freqüentes) você me dirigia; um olhar que então só me causava estranheza, mas que agora posso (ou talvez queira) imaginar que queria dizer: “usurpei o lugar de outra”, ou “acho que ela gosta de mim, mas não mereço”, ou “qualquer dia vão tirar ela de mim”. Era isso? Por outro lado, tenho a impressão de que minha inesperada presença não só não contribuiu para a união de vocês como casal, mas, pelo contrário, causou uma deterioração irremediável, já que, para o nosso peculiar estilo de vida em Mendoza, um divórcio ou uma simples separação era algo no mínimo inconveniente, que os companheiros de armas de Pedro Luis jamais permitiriam. Mas como vocês podiam conviver com um passado tão infame? Como podiam se deitar e fazer amor (ou será que nem faziam?) sabendo que dos dois lados da cama apareciam e os olhavam os fantasmas dos meus

verdadeiros pais? Como é que a vida cotidiana pode continuar normalmente, sabendo que se baseia numa ação ignóbil?

Meus avós me amam, me mimam, me falam dos meus pais, tentam criar em mim um novo estímulo para viver, mas nos meus 18 anos atuais confesso que minha vida está destruída e nas minhas noites há outra fantasia recorrente em que eu também me jogo no mar. Por quê? Para quê? Para me unir a meus pais, ora. No sonho eles me recebem, muito juntos, de braços abertos, rodeados por golfinhos solidários que também se juntam ao festejo. E quando enfim acordo, ainda permanece em mim a sensação de ternura mais nítida de toda minha existência.

Tenho na minha mesa-de-cabeceira a foto dos meus pais e sei que venho deles e de mais ninguém. As adulações de Pedro Luis sempre me pareceram pura hipocrisia, e se as guardo na memória é para repelir todas elas. Sinto, ao contrário, que tuas demonstrações de carinho eram sinceras e eu as conservo como uma coisa positiva em meio a uma imensa fraude. Quem sabe um dia eu consiga reunir forças para voltar a te ver, mas por enquanto não. Ainda estou cheia de rancores e rancorezinhos. Depois de todas as comunhões, missas e homilias a que você me levou, não fiquei apenas sem pais, mas também sem Deus. Gostaria de saber o que você dizia ao seu confessor. E principalmente o que ele lhe dizia. Apossar-se de uma filha de pais desaparecidos e/ou assassinados por tua gente é pecado mortal ou venial? Com 15 pais-nossos e sete ave-marias a ficha fica limpa? Não posso rezar para um Senhor cujos representantes acobertavam cristãmente os carrascos. Agora compreendo o apelo rebelde do Cristo crucificado: “Pai, por que me abandonaste?” Ele, pelo menos, dizem que ressuscitou, mas meus pais afogados não voltaram. No melhor dos casos, não estão rodeados de apóstolos, mas de golfinhos. Talvez Deus, se existe algum, não more lá no Altíssimo, mas no fundo do mais profundo dos mares. E lá onde está, ignore tudo, embora de vez em quando abra suas brânquias e distribua bênçãos. Não descarto que uma noite dessas, eu, que não sei nadar, afinal me decida e mergulhe para buscá-lo, assim mesmo, sem bóias, mas com a mochila cheia de recriminações. E mais nada. Tchou, PAULINA.

## Terapia de solidão

Meu querido: Aqui estou eu, na minha ilha, que não é exatamente uma ilha, já que não está cercada pelo mar e sim pela vegetação, pelas árvores, pelo pampa propriamente dito. Mas é uma ilha no sentido espiritual. Embora também não seja isso, já que estou cercada por distantes presenças e próximas ausências, pela lembrança dos outros e pelo fluxo da minha própria memória. Parece complicado? Pode ser. Você bem sabe que já fazia algum tempo precisava me isolar, ir em busca da solidão perdida (Marcel Proust velho de guerra!). Felizmente você me entendeu, e confesso que essa compreensão aumentou meu amor (e também meu respeito) por você. Estou convencida de que o respeito pela solidão do ser amado é uma das formas menos freqüentes porém mais verdadeiras de amor, não acha?

Acho que nossos dez anos de bom casamento estavam mesmo precisando desta afirmação da nossa identidade. É uma dádiva do destino sermos tão diferentes, o que permite que nos descubramos quase que diariamente e que cada um celebre em seu foro íntimo ter encontrado o outro. Essa história de “foro íntimo” sempre me pareceu uma contradição surrada, inadequada e inútil. “Foro” é tão parecido com “fora” (eu sei que vêm de etimologias diferentes) e “íntimo” tão próximo de “intimidade”. Será que, na origem, essa expressão, “foro íntimo”, queria dizer uma intimidade tornada pública, voltada para fora, portanto o oposto do que significa hoje?

Mas retomemos o fio da minha sábia reflexão. Posso ser confusa, mas não idiota. Uma pergunta indiscreta: como você se sente sem mim? Rodeado, como sempre, de trabalho, de amigos leais e desleais, e também de belas e belíssimas mulheres? Dada essa circunstância, eu teria bons motivos para sentir ciúmes. Mas, para meu mal, não sou ciumenta. Mas não se iluda, que posso aprender a ser. Você em compensação não tem motivo nenhum para sentir ciúmes, já que aqui não estou rodeada de homens bonitos, e sim de pinheiros, eucaliptos, rãs canoras, amanheceres e crepúsculos e, eventualmente, de um silêncio noturno tão compacto que às vezes me acorda e até me tira o sono, tão habituados que estamos ao barulho enlouquecedor, próximo ou distante, das cidades. Em algumas dessas insônias ainda conto com a companhia dos grilos, cuja

monotonia coral os confirma como precursores do canto gregoriano. Não vai ficar com ciúme dos grilos, não é? Fique sabendo que, de tão pequenos, são invisíveis, portanto nem sei se são bonitos (como grilos, claro). Imagino que também entre eles deve haver padrões de beleza; que há grilos equivalentes a Robert Redford e outros feiosos como Peter Lorre.

A verdade é que, dormindo ou acordada, andei fazendo um balanço de mim mesma. Não vou lhe contar, por enquanto, qual é o saldo. Para fazer isso, só quando estivermos na cama, você nu e eu nua, depois de trepar como Deus manda, olhando nos seus olhos para que esses olhos seus me comuniquem sua resposta ou pelo menos seu comentário. Ainda acho (já lhe disse isso tempos atrás, quando já morávamos juntos, mas não tínhamos cometido o pecado venial de nos casarmos) que nosso melhor diálogo sempre foi o do olhar. As palavras, consciente ou inconscientemente, muitas vezes mentem, mas os olhos nunca deixam de ser sinceros. Nas poucas vezes que tentei mentir para alguém com o olhar, minhas pálpebras se fecharam, baixaram espontaneamente sua cortina protetora, e ficaram assim até que eu e meus olhos recuperamos a obrigação da verdade. Com as palavras tudo é mais complexo, mas, mesmo assim, se as palavras tentam enganar, os olhos costumam desmentir a boca.

Retomando outra vez o fio condutor, te digo que a solidão é como um tônico e também um banho de modéstia. Um tônico porque, com tanto tempo e espaço para refletir, a gente vai detectando o que presta e o que não presta nos meandros da própria alma. E banho de modéstia porque na estrita solidão não há lugar para a lisonja fajuta, nem para os afagos à vaidade, nem sequer (não é o meu caso) para o perdão dos confessorários.

Minha solidão, além disso, está cheia de pássaros. Sempre fui uma analfabeta em ornitologia, por isso nunca consegui nem conseguirei distinguir o canto de uma cotovia do de um sabiá, o monólogo de um melro do de um pintassilgo, e a esta altura da vida não penso em me especializar em ciência passarineira, por isso resolvi batizá-los por minha conta. Por exemplo: um desses cantores alados é, para mim, Fabricio; outro, Segismundo; outro, Venancio; outro ainda, Rigoberto. E o engraçado é que, quando os chamo pelos nomes da minha nomenclatura particular, eles me respondem com uma tirada de gorjeios.

...Querido: retomo esta carta uma semana depois da tirada de gorjeios. Já estou há mais de um mês na minha ilha verde. Acho que já pensei bastante e além disso comecei a sentir a tua falta de um modo quase doentio. Assim como

antes senti uma necessidade imperiosa de me isolar, agora tenho uma saudade atroz das tuas mãos, da tua boca, do teu abraço, do teu corpo, enfim. Espero, companheiro, que esses comoventes apelos não te deixem com o rei no fueiro (um sinônimo de barriga que aprendi ontem), hein?

Chego na segunda-feira. Aviso com tempo suficiente para você desalojar qualquer intrusa e seu corpo de delito da nossa confortável cama de casal. Falo de brincadeira, claro. Ou não. Falo sério. *A desalojar, a desalojar*, com música do Viglietti. Já vou adiantando que esta temporada de solidão me deixou muito apetitosa. Beijos e mais beijinhos, da sua NATALIA.

## Bolsa de viagens curtas

Querida: quando parti, quando por fim resolvi partir, porque já não conseguia conviver com os antídotos do medo, e sentia que aos poucos começava a odiar minhas esquinas prediletas e as árvores encurvadas, e já não tinha tempo nem vontade de me refugiar no caramanchão do bairro de Flores, e os amigos de sempre começaram a ser de nunca, e havia mais cadáveres nos lixões que nas funerárias, então abri a bolsa das viagens curtas (embora soubesse que essa ia ser longa) e comecei a enfiar nela lembranças ao acaso, objetos insignificantes, mas de valor afetivo, imagens sintéticas do feliz, letras que juntas narravam sofrimentos, últimos abraços na primeira fronteira, anoiteceres sem ângelus e com tamboriladas, sorrisos que tinham sido caretas e vice-versa, esmorecimentos e coragens, enfim, uma antologia da ninharia que o vento do hábito não tinha conseguido varrer da face da guerra.

Com essa bolsa das viagens curtas andei por lá e mais além, por aqui e mais aquém. Às vezes trabalhava com as mãos ágeis e os olhos enxutos, para ganhar o pão, o vinho, o teto e o colchão. No entanto, com a bolsa de viagens curtas não tinha uma relação íntima. Eu sabia que ela dormia no fundo de um armário, desconjuntado pelo tempo e pelas traças. Mas para que me enfrentar a um passado em pílulas, umas nutrientes e outras envenenadas?

Contudo, aos domingos, quando a solidão virava silêncio insuportável, vez por outra eu tirava a bolsa do armário e puxava alguma lembrança de dentro dela; só uma por vez, para não me atordoar. Foi assim que me caiu nas mãos um livro que foi de cabeceira e que eu devo ter lido umas vinte vezes, mas agora me meti em várias de suas páginas e ele não me disse nada, não me perguntou nem respondeu nada, como se não fosse meu. Portanto, o joguei fora.

Outro domingo, resgatei uma foto agora feita sépia e lá estavam vários personagens que ocuparam um lugarzinho na minha vida. Dois deles nem imagino onde estarão; um se mantém fiel a si mesmo; três encontraram certa noite uma morte com dragonas; outros dois se tornaram, com o tempo, finos, elegantes delatores, e hoje gozam do respeito da amnésia pública. O último sou eu, mas também sou outro, quase não me reconheço, talvez porque se me

enfrento ao espelho não estou em sépia. Pensando bem, é uma foto acabada, vencida. Portanto, a joguei fora.

Outro domingo, tirei da bolsa um relógio à prova d'água e de choque. É de uma boa marca suíça, mas estava parado num crono-símbolo, ou seja, a hora, o minuto e o segundo em que, em plena rua, abateram o Venancio, você sabe quem é, nesse tempo que foi meu Greenwich. Para que vou querer um relógio que só cronometra e fixa a desgraça? Portanto, o joguei fora.

Domingo após domingo fui esvaziando a bolsa: canivetes, canetas, óculos escuros, recortes de jornais, calmantes, agendas, passaportes vencidos, mais fotos, cartas de amigos e inimigos. A verdade é que tudo foi me parecendo velho, inexpressivo, calado, desconexo, precário.

No entanto, ontem, domingo, meti outra vez minha mão naquele poço do passado, e ela saiu com uma coisa tua: teu lenço de seda azul, aquele que em três das quatro estações rodeava teu pescoço bonito, jovem, que eu tanto amava. Eles acabaram com você, e eu estou insuportavelmente só. Te mataram no meu lugar. É duro admitir, caralho, que você é minha morta suplente.

Portanto, desta vez vou jogar fora minha pobre bolsa para viagens curtas e ficar só com teu lenço azul. Vou te guardar comigo para a viagem longa.



## A velha inocência

Querida Isabel: Resolvi escrever porque estamos velhos (eu, pelo menos, estou), sozinhos e com um oceano entre nós. Um oceano também de fatos, guerras e pazes, frustrações, amores e desamores, urgências e demoras. Escrevo porque agora, solitário e meio entrevado, tenho tempo de sobra para rever calmamente meu curriculum, não o que costumamos redigir para entrevistadores e universidades, mas o outro, o verdadeiro.

Felizmente, ganhei com meu trabalho o bastante para ter um apartamento confortável e bem amplo, com estantes cheias de livros que já não consigo ler, e paredes com vários dos muitos quadros deixados por minha mulher, que perseverou em seu ofício/arte até poucos meses antes de morrer. São mostras de uma técnica apurada, impecável, com imagens que transmitem calma e alegram com a veracidade de suas cores. Nunca tive coragem de lhe confessar que sua pintura não me despertava o menor interesse, e tenho a impressão de que ela (que não era nada boba) percebeu isso com resignação. Suspeito, de resto, que ela também não ousou me dizer que meus sábios ensaios filosóficos a deixavam indiferente. Mas graças a essa troca de descrições, convivemos e nos amamos; moderadamente, é verdade, mas nos amamos. E não vou negar que sua morte significou para mim, não uma catástrofe, mas uma esgarçada tristeza.

Tivemos dois filhos que há dez anos se mudaram para a Austrália, onde abriram uma empresa (em Sidney) e estão bem, ou pelo menos tão bem quanto podem estar dois expatriados voluntários. Eles se casaram lá, o mais velho com uma australiana e o mais novo com uma chilena. Escrevem duas ou três vezes por ano (no meu aniversário e no Natal), mas não voltaram ao país, nem sequer de visita. Não os recrimino: a distância é enorme, e as passagens custam uma fortuna. Eles me deram três netos, mas só os conheço por foto. Parecem bonitos e saudáveis.

Ao longo de tantos anos você e eu vivemos reciprocamente ausentes. Eu já vou fazer 84, e você deve andar pelos 82, não é? Você está bem? Sei que tem uma filha que também não está com você, mas, como mora e leciona em Liverpool, que não fica tão longe assim, imagino que de vez em quando atravesse o Canal da Mancha (ainda mais agora, com o trem) para visitá-la.

Você deve estar se perguntando como tenho tantas informações sobre sua vida. São coisas que fui sabendo, ao compasso dos anos, graças a um amigo argentino, Edelberto Ruiz, que você certamente conhece, pois foi o testamenteiro do seu marido. Foi ele que me deu seu endereço e até seu e-mail, mas como não me entendo com essas máquinas, optei pelo ritmo sossegado do correio, e nem sequer vou colar no envelope a etiqueta auto-adesiva de *urgente*, certo de que na nossa idade já não há urgências.

Na realidade, resolvi escrever, depois de muito rever o meu caminho, porque cheguei à conclusão de que devo a você o momento mais feliz e memorável deste percurso. Talvez você também se lembre (tomara), mas por via das dúvidas vou transcrever o que ainda é capaz de ditar minha memória, em cujas repentinas lacunas se nota especialmente (mais do que no uso da bengala ou no moderado alerta prostático) minha respeitável idade. Por sorte você se salvou (pelo menos até agora) dos caprichos do meu esquecimento.

Você devia ter uns 14 anos. Recordo, claramente, você na missa de domingo, sentada sempre na mesma fileira, nunca de joelhos, como o padre mandava, ao lado de sua mãe que, ela sim, se ajoelhava. Seus cabelos castanhos desciam até os ombros. Eu ficava (também sem ajoelhar) duas fileiras atrás. Às vezes, aproveitando que sua mãe rezava de olhos fechados, você se virava, e nós nos olhávamos e nos sorriamos. Como dois bocós de época.

Só depois de três ou quatro semanas desse jogo inútil, uma tarde, na hora da sesta, nos encontramos na beira de uma estradinha das redondezas. Não havia ninguém à vista, e tudo aconteceu espontaneamente. Meu primeiro cumprimento foi um abraço, e sua primeira resposta foi um abraço. Sem dizer uma só palavra, nos beijamos interminavelmente, e como o bosquezinho de pinheiros ficava ali ao lado, sem prévia combinação, corremos para lá. Além dos pinheiros havia uma espessa folhagem. Lá, sobre as folhas, nos estreamos sexualmente, virgens e desajeitados, mas encantados com nós mesmos. Lembra agora? O que aconteceu depois? Por que não voltei a ver você, nem na capela, nem na estradinha, nem no bosque, lugares que percorri como se fossem uma série de santuários? Alguém me disse que, justamente no dia seguinte ao do nosso encontro, você foi embora com seus pais. Para onde? Ninguém tinha notícias. Por acaso você já sabia disso quando nos amamos? Foi para não desperdiçar sua única oportunidade? Ou seus pais, católicos fanáticos, souberam de alguma coisa e resolveram *ipso facto* arrancar você das garras do humilde satanás interiorano que era este seu criado?

Hoje este velho te faz justiça confirmando que nunca foi tão feliz como sobre aquelas folhas outonais e cúmplices. Ao longo desta longa vida que se aproxima do seu ponto final, deitei com várias mulheres, mas essas brevíssimas relações extraconjugais (também não foram tantas, meras oportunidades durante algum longo *stage* universitário) significaram muito pouco. Alívios sexuais, se tanto, mas nem sequer rascunhos de amor. É curioso que em nosso ato inaugural e clandestino não precisássemos de palavras, só falamos com nossos corpos incipientes, inocentes, estranhos a qualquer sentimento de culpa, ou, em todo caso, gozosos praticantes do melhor dos pecados. Obrigado, Isabel, por aquele prazer intacto. Obrigado por ainda alegrar minha memória octogenária. Abraços, MATÍAS.

## A morte é brincadeira

Gerardo: tudo legal? Estou no México, Distrito Federal, ou melhor DF, para evitar a rima na prosa, algo que, se bem me lembro, te causava urticária como leitor. Faz 15 dias que cheguei aqui, e talvez fique (explico mais adiante o porquê da dúvida) mais 15 dias. Como sempre acontece cada vez que mergulho nessa mistura de história pré-colombiana e poluição pós-hispânica, já desmaiei duas vezes (uma na banheira e outra ao lado da cama deste simpático hotel de três estrelas), sem que ninguém viesse me socorrer, e depois de cinco ou dez minutos (não ando com um desmaiômetro) ressuscitei sem maiores conseqüências físicas. E digo físicas porque cada vez que desmaio no México (em outros pontos do planeta só desmaiei uma vez: quando vi o óleo com os sapatos de Cézanne, mas foi de emoção incontrolada), digo que, cada vez que desmaio no México DF, tenho a impressão de que me sai uma verruga na alma. Você, que é formado em psicologia, talvez possa me responder: existem as verrugas espirituais? Não é assim que vocês as chamam, eu sei, seria compreensível demais para seus inermes pacientes, mas eu, como não-formado em psicologia, as chamo de verrugas, e ponto.

Nesta cidade, onde parece que mora metade do mundo e que está sempre coberta de fumaça, ou de bruma, ou de neblina, do que mais gosto é das - pessoas, alegres e desinibidas, com um enigmático semblante indígena, acostumadas à inevitável deterioração de seus pulmões e ao comparecimento pretérito e atual (e quase certamente futuro) dos vizinhos do Norte, que roubaram boa parte de seu território. Os ianques são a outra poluição do México. São amados e odiados. É tão estranho, cara. Tenho aqui amigos íntimos a quem nunca digo nem escrevo tamanhas besteiras, quem sabe injustas. Sei que você não escreve para os amigos (e menos ainda para os inimigos), segundo me consta, sofre de constipação postal, mas agora que o mundo se tornou cibernauta, bem que podia providenciar um modesto Windows 95 (não o 98, ainda) para nos contar, usando e abusando do e-mail, de tua vida e trabalhos, para falar do teu obstinado e quase fanático solteirismo, da tua sempre atualizada profissão, que tanta atração exerce sobre incautos catalães e madrilenhos. Sei que os analistas portenhos dominaram o mercado peninsular, mas faz pouco tempo que você entrou nesse círculo quase exclusivo

e já tem mais pacientes (e principalmente impacientes) que os colecionados pelo velho Freud em seu longo campeonato.

Mas agora estampo uma consulta a sério, cuja resposta a distância espero que não implique o pagamento de honorários, devido 1) à nossa longa, fecunda e leal amizade, 2) a que as remessas bancárias costumam se extraviar e 3) a que nunca acreditei muito na psicanálise. Caralho, você vai pensar, com toda razão, para que então esse pateta está me consultando? Bom, na verdade este pateta está te consultando, não como renomado profissional, mas como amigo do peito e da alma, alma que no meu caso é mais miserável que minha carcaça, mas muito mais sábia. A pergunta é a seguinte: a que altura da vida pode surgir a obsessão pela morte? Que perguntinha, não? Confesso que nunca sofri dessa febre pré-mortuária. Sempre andei pela vida como se fosse eterno, quer dizer imorrível, um neologismo que me parece mais adequado ao meu caso. Nunca sofri dessa angústia, ou melhor, nunca até dois meses atrás, ou seja, até meus 54 anos recém-completados, quando detectei uma dorzinha à toa no meu flanco esquerdo e, pela segunda vez na vida (a primeira foi aos 12 anos, quando tive tosse comprida), fui atendido por um médico, que, depois de me fazer vários exames clínicos e ultra-sons, pediu para eu voltar ao consultório, e lá, depois de se escarrapachar como um gorila num sofá realmente repulsivo e me dedicar um sorriso odioso, disparou, sem rodeios nem anestesia, que o resultado de tantos exames era que eu estava com câncer e, em seguida, sem me dar nem um minuto para respirar, completou seu diagnóstico prevendo que na melhor das hipóteses me restavam uns seis meses de vida miserável. Que me diz, rapaz? Por isso vim para o México DF, ansioso para desmaiar pela última vez na terra do Pancho Villa e do subcomandante Marcos.

Diante de semelhante futuro ignominioso talvez te surpreenda o tom bem-humorado e até brincalhão desta missiva, mas não se engane. É puro teatro. De qualquer ângulo que você olhar, a morte é uma brincadeira. No fundo, eu me sinto um caco finissecular e prematuro. Para você ter uma idéia, choro uma média de cinco horas por noite. Às vezes seis. Minha última esperança é que no meu próximo desmaio mexicano não acorde neste confortável quarto 904, mas ao lado de São Pedro. Porque continuo convencido de que Deus não existe, mas São Pedro sim. À espera da tua carta de consolo, aqui vai um abraço quase póstumo do teu amigo de sempre e até nunca, JUAN ANDRÉS.

## Um gosto azedo

*Solidão. É um gosto azedo  
pelo qual uns poucos se apaixonam.*

ÁNGEL RAMA

Querido dom Matías:

Deve fazer um século que não tenho notícias suas e o senhor não tem notícias minhas, mas o senhor foi e continua sendo meu mestre, e numa situação como a que estou vivendo, mais sozinho que um eremita, o senhor passou a ser meu único interlocutor válido.

A solidão é um estado de espírito, mas pode se tornar um vício. Confesso que, ao longo dos meus 38 anos, nas poucas vezes que fiquei sem solidão, senti falta dela. Aviso, porém, que agora não é esse o caso. Desta vez a solidão me pesa, como o vício (o álcool, a droga) costuma pesar a qualquer viciado.

Como tudo o que é importante na vida, minha solidão também teve origem na minha infância. Praticamente não tive mãe, já que a minha morreu no ato de me dar à luz. Meu pai se viu diante da responsabilidade de ser ao mesmo tempo pai e mãe, e o coitado não se saiu bem. Não o culpo. Por causa do trabalho, viajava quase sem parar e me deixava com meu tio, um irmão da minha mãe que nunca nos suportou, nem a meu pai nem a mim. Ele tinha quatro filhos, todos homens, e eu era um estranho nesse ninho. Eles discutiam e brigavam entre si, mas contra mim se uniam como uma gangue. Morávamos no campo, perto do rio, e meu único refúgio eram as fugas para suas margens, onde me escondia entre as árvores e os arbustos e estabelecia uma espécie de convivência natural com toda a fauna do lugar (terrestre, aquática, aérea), que aos poucos ia-se acostumando à minha presença quase imóvel. No fundo, tanto as árvores como a água se moviam mais do que eu. Aquela solidão era um deleite. Ainda hoje recordo aquela época como uma das fases mais estimulantes da minha vida.

Ir de lá até a escolinha rural era uma verdadeira façanha. Ficava a 15 quilômetros de casa. Os cinco íamos e voltávamos num fordeco desconjuntado, e quando o calhambeque amanhecia reumático ou capenga, simplesmente faltávamos à aula. Lá também não fiz amizades duradouras. Os alunos, em geral filhos de peões (os filhos dos fazendeiros freqüentavam escolas particulares

de Montevideu), eram tímidos, retraídos, ariscos, cada um com sua modesta solidão, mas sem muita consciência de que dela sofriam.

O senhor apareceu na minha incipiente adolescência. Meu pai afinal percebeu (apesar de eu nunca me queixar) que nem seu cunhado nem meus primos contribuiriam para a minha formação, por isso resolveu me mandar para Montevideu, não exatamente para um colégio particular onde estudavam os filhos de boa família, mas para uma escola pública. Eu tinha um quarto, pequeno mas confortável, na casa de uma prima do meu pai, cinquentona, magra e solteira, que morava sozinha no Paso Molino e que me recebeu como uma companhia tolerável, principalmente porque meu pai lhe dava um tanto por mês para cobrir minhas necessidades, que não eram muitas. Reconheço que me deixava em paz, e quando eu chegava tarde da noite, ela não reclamava. Mas também devo registrar que a comida era insossa e um tanto escassa; só seu macarrão era gostoso.

No ginásio, sim, fiz alguns amigos. Talvez o senhor ainda se lembre de um gordinho que chamavam de Bochinche; ou do Araújo, um magrão que era filho e neto de milicos; ou o baixinho Valentín, também chamado de Ñomo; ou do moreno Valbuena, que nunca dava risada. Essa era a minha turma, para as grandes tolices e as pequenas barbaridades. Depois, com o tempo, aquela patota foi se dispersando. Bochinche virou músico e anos mais tarde se radicou no México; Valbuena emigrou para Cuba, fascinado com a Revolução; o magrão seguiu a trilha castrense dos seus antepassados. Só mantive contato com o Ñomo, e às vezes nos encontrávamos para um churrasco ou para ir ao estádio.

Para mim, no entanto, a experiência mais marcante dessa época foi conhecer o senhor, não só por suas inesquecíveis aulas de história, mas também, e principalmente, por sua compreensão diante das inconveniências e ingenuidades daquela rapaziada tão cruel quanto heterogênea. Terminado o ginásio, acabou-se o estudo. Meu pai estava empenhado em que eu estudasse Direito (“nos tempos que correm, e nos que correrão, é sempre bom ter um advogado na família”), e quando eu estava prestes a realizar sua vontade, ele morreu, ainda moço, num absurdo desastre de automóvel. Já sem ninguém para me incentivar, e assumindo por fim minha primeira verdadeira solidão, resolvi trabalhar em qualquer coisa. E essa qualquer coisa foi uma papelaria.

Eu via o senhor muito de vez em quando, especialmente quando a solidão se tornava insuportável. Conhecia bem seus percursos a pé e forjava encontros

casuais para convidá-lo a tomar um café ou uma cerveja. Sempre me ouviu com atenção afetuosa, mas nunca me convidou para ir à sua casa. Isso me magoou, e aos poucos fui espaçando os “encontros casuais”.

Como dizia meu pai, os tempos correram, e um dia me apaixonei. Sabina era bonita e simpática, dividíamos gostos e desgostos. Não nos casamos, mas fomos morar juntos, num apartamentinho na Aguada. Fiquei sem solidão, claro. Às vezes sentia falta dela, mas não era nada grave, porque, em termos gerais, era bem feliz. Sabina era boa de cama e de convivência. O problema era que nossos horários de trabalho poucas vezes coincidiam, e só tínhamos uma vida em comum razoável nos fins de semana. E então surgiu meu novo vício: o ciúme.

No começo era apenas um mal-estar. Que será que ela está fazendo agora em casa enquanto eu trabalho? Ou, quando era a minha vez de estar em casa e ela em seu horário de trabalho: será que está mesmo no escritório, ou anda por aí cercada de machos? Então telefonava para ela a qualquer pretexto, apesar de ela ter dito que seus chefes não gostavam que os empregados recebessem ligações pessoais. Como seriam afinal esses malditos chefes que, de segunda a sexta-feira, passavam seis horas ao lado dela, olhando suas curvas?

O ciúme foi virando um hábito, mas também uma tortura. Nunca fiz cena, nem deixei ela perceber minhas suspeitas, mas nossa convivência começou a se deteriorar, e até nossas relações sexuais foram se esvaziando de amor.

Quando essa tensão se tornou insuportável, optei por uma solução que talvez lhe pareça ridícula: contratei um detetive particular. Que me diz? Não trabalhava para uma agência, mas, por incrível que pareça, esse detalhe me pareceu uma vantagem.

Quinze dias depois de contratá-lo, me esperou na saída do trabalho, fomos a um café, e ele fez seu relatório: “Mantenha a calma, mas sinto informar que sua esposa se encontra freqüentemente com um homem que a apanha numa BMW e a leva em direção a Pocitos.” Não pedi mais detalhes. Ele me perguntou se devia continuar a investigação, e eu disse que sim. Tornou a me recomendar calma. “Não vá fazer nenhuma besteira, hein?” Eu tratei de sossegá-lo, disse apenas que seu relatório confirmava minhas suspeitas e que agradecia sua diligência e eficácia.

Não demorei muito para me decidir. Por conta dos problemas de segurança que existem aqui e em toda parte, já fazia algum tempo que eu tinha



comprado um revólver. Estava bem escondido, nem sequer Sabina sabia da sua existência. No dia seguinte, coloquei a arma na minha pasta, fui até a papelaria e pedi um dia de folga, alegando ter que tratar de gestões na prefeitura. Nesse dia Sabina trabalhava no turno da manhã e estaria de volta em casa por volta da uma e meia. Procurei uma fachada recuada, de onde pudesse vê-la se aproximar. Quando apareceu, às vinte para as duas, fui ao seu encontro com a pasta semi-aberta. Ela ainda não tinha notado minha presença, quando puxei a arma e lhe dei três tiros. Ela morreu na hora. Naquele pesado meio-dia de verão, não havia ninguém nas ruas. Saí correndo, duas quadras depois subi num ônibus e desci no ponto final. Fui buscar refúgio no Ñomo, que felizmente estava em casa. Para ele, contei toda a história.

Fiquei lá uma semana. O Ñomo saía e fazia averiguações. No quarto dia veio com uma notícia que literalmente me arrasou. O detetive mentiu. Nenhum homem apanhava a Sabina num BMW. O Ñomo colheu de boa fonte a informação de que o detetive era um indivíduo de poucos escrúpulos, que explorava a ansiedade dos maridos ciumentos, informando-os sobre infidelidades inexistentes para que continuassem a encomendar investigações. Por isso trabalhava de forma independente, já que nenhuma agência queria sujar o nome com seus embustes.

O Ñomo tentou me consolar, mas chorei e gemi por umas duas horas. Porque eu amava a Sabina. Foi então que resolvi me entregar, porque com essa nova, lamentável solidão, não ia andar fugindo por este mundo de merda. Passados mais quatro dias, me despedi do Ñomo e saí para me entregar. Mas, isso sim, antes cumpri um mero trâmite: matei o detetive. Sinceramente essa morte não me pesa na consciência. Se bem que, na hora de acertar as contas com a justiça, claro que me prejudicou muito, por causa da premeditação, e a juíza, implacável como todas as mulheres, me aplicou a máxima.

De todas as minhas solidões, esta é a pior. Porque é uma solidão com saudade. Saudade da Sabina, claro. A única visita que recebo, uma vez por mês, é a do Ñomo. Seria tão bom se, um dia desses, o senhor viesse com ele. Ah, se resolver vir, por favor, me traga algum livro de história, mas não de escravos, e sim de libertos.

Dom Matías, me perdoe esta tristeza. Espero que aceite meu abraço. Detrás das grades. EVARISTO.

## Secretária eletrônica

— *Você ligou para 5179617. No momento não podemos atender. Por favor, deixe seu recado depois do bipe.*

— Meu recado é para o Abilio, aqui quem fala é Juan Alberto. Surpreso, Abilio? Imagino que sim. Faz cinco anos que você não tem notícias minhas. Também faz cinco anos que não tenho rosto, nem corpo, nem mesmo sombra. Curiosamente, tenho voz. E com minha voz ainda posso te visitar, te lembrar algumas coisas, te acompanhar, mesmo contra tua vontade.

A lembrança mais nítida que guardo de você é o ódio dos seus olhos azuis quando comandava o castigo que outros nos davam. Essa sua ojeriza, tão exagerada, sempre foi um mistério para mim. Nunca tive nenhum conflito direto com você, nem estuproei sua mulher nem sua filha, nem o traí, nem sequer cuspi na sua cara, como muitas vezes tive vontade. Você, em compensação, se infiltrou entre nós e foi entregando todos, um por um. Destruíu pacientemente nossa vida familiar, fez o possível para que a ameaça de morte sempre estivesse presente, como o pão nosso de cada dia.

— *Você ligou para 5179617. No momento não podemos atender. Por favor, deixe seu recado depois do bipe.*

— Pelo jeito, tua secretária eletrônica é limitada. Por isso vou continuar enquanto a fita não acaba. Você arruinou a vida de nossas mulheres e nossos filhos. Fazia eles ouvirem gravações com nossas vozes e nossos urros sob o choque elétrico. Não dá para dizer que você seja um carrasco arrependido, como esses que agora andam aparecendo. Você tinha vocação. Sentia prazer no que fazia. Mas não guardo rancor. Na dimensão em que paio agora, não há lugar para o rancor; e mais, ele é inconcebível aqui. Não vou lhe adiantar como é este espaço, você vai ter que descobrir por conta própria, quando chegar o seu dia, ou noite, como chegou para mim.

Um aviso. Não pense que vai encontrar Deus. Nem o teu, nem o dos outros. Até agora, é marcante a ausência deles. Você pode parar de ir à missa, sem problemas. Não faz diferença.

Confesso que no fundo tenho pena de você. Sei que não consegue dormir. Sei também que é tarde para se arrepender. Você carrega muitos mortos no contêiner da memória.

Não sei se algum outro de teus cadáveres vai aparecer, como eu agora, nesta secretária eletrônica. E se não sei é porque aqui não nos comunicamos. Somos uma congregação de solitários. Sabia que a morte é uma interminável planície cinzenta? Garanto que não voltarei a te incomodar. Isso mesmo, a morte é uma interminável planície cinzenta. Uma planície cinzenta. Sem aleluias. Cinzenta.

# Testamento hológrafo

*Deixo meus dedos espectrais  
que percorreram teclas, ventres, águas, pálpebras de mel  
e pelos quais desceu a escritura  
como uma virgem de alma infortunada.*

SEBASTIÁN SALAZAR BONDY

Testamento hológrafo

## 1

Eu, Rogelio Velasco, deixo meus óculos, ou lentes, ou lunetas, ou cangalhas, ao meu sobrinho Esteban, para que possa ver o mundo como eu o vi, às vezes injusto, desarticulado, confuso; às vezes generoso, harmonioso, estimulante.

Lembro que você, Esteban, quando ainda era garoto, colocou os óculos, que eu tinha deixado sobre a mesa, e imediatamente os tirou com insólita violência, quase com nojo, porque, claro, não eram adequados à sua visão daquela época. Quem sabe agora sua miopia seja igual à minha, e você não jogue mais no chão meu pobre par de lunetas. Na verdade, não são as mesmas. Precisei trocar uma das lentes, a esquerda, por causa daquela desavença. Seja como for, já faz uns dez anos que não estão comigo, porque as esqueci num táxi. O motorista nunca as devolveu, talvez porque o passageiro seguinte (um peso pesado que subiu no carro quando eu descí) sentou em cima delas e as esmigalhou.

Você agora é um homem, quase um engenheiro, e em todo caso hoje seus desprezos devem ser mais substanciais. Pelo jeito, foi muito difícil para você envolver-se no amor. Você atribuía isso, pelo menos foi o que me contou, às boas porém canhestras intenções do seu pai, que, preocupado com sua timidez congênita, entregou-o nos flácidos braços de uma prostituta de sua total confiança, para que ela o iniciasse nos prazeres e desprazeres da carne. Acho que dessa estréia de lenocínio só ficaram os desprazeres, já que você nunca perdoou meu cunhado por um batismo tão infeliz. Passaram-se muitos anos até uma mulher despertar seu interesse, e, claro, você se casou com ela. Decisão rápida, antes que a repugnância por um corpo alheio voltasse a tomar conta de você. Ainda bem que a Maruja achou um jeito de acabar com seu

acanhamento. E até lhe deu um filho. Irrequieto, mas simpático. Um conselho, não deixe os óculos ao alcance do Eduardito.

## 2

Eu, Rogelio Velasco, divorciado e rejuntado, nascido em Mercedes há 65 anos, deixo minha máquina fotográfica para minha ex-mulher, porque foi com essa Rolleiflex que tentamos fixar certos instantes da nossa breve bem-aventurança. Ainda guardo algumas fotos numa caixa de sapatos. Por exemplo, a do zoológico de Buenos Aires, onde você está olhando extasiada para uma macaca (uma orangotanga muito esperta) que, ao se ver na mira da máquina, fez uma pose surpreendentemente fotogênica. Guardada a distância, lembrava a Vênus do Espelho.

Também estão as da lua-de-mel. Entre outras, aquelas que um solícito garçom de um restaurante de Piriápolis tirou de nós. Além de escandalosamente jovens, parecemos felizes, e talvez fôssemos mesmo. Você se lembra por que nos afastamos? Eu não. Sinceramente, não me lembro do motivo. Talvez tenha sido um processo lento. A conquista da indiferença também leva tempo. Sem ciúmes recíprocos, tão desagradáveis, mas que pelo menos dão força e sentido ao rompimento. Hoje, passados tantos anos, às vezes ainda sinto um pouco de saudade. O engraçado é que não é saudade de você. Sinto mais é falta de certos momentos bonitos que passamos, de uma certa paz que construímos e compartilhamos. Você não sente?

Agora eu tenho outro par, e você também. Mas, pelo menos no meu caso, não é a mesma coisa. É uma relação tranqüila, agradável, estimulante, de diálogo fluente, mas sem inocência. Isso é irrecuperável, não admite simulações nem paródias.

Em outra foto você está sozinha, brincalhona, fazendo uma careta para mim. Reconheço que o humor era um bom ingrediente da nossa relação. Sabíamos rir um do outro, e também cada um de si próprio. Sem machucar. Isso eu também perdi. Agora, quando brinco, eu magôo, e quando brincam comigo, fico magoado. Será que com o passar dos anos ficamos estúpidos e rancorosos?

A foto que abrilhanta a coleção é uma que eu tirei na praia, não me lembro qual. Seu maiô (que se não me engano era verde-oliva) é discreto, mas

você sabia valorizar as pernas. Elas eram — talvez ainda sejam — esplêndidas, e você sabia disso muito bem.

### 3

Eu, Rogelio Velasco, taquígrafo aposentado, deixo minha máquina de escrever Underwood, ou seja, um dinossauro pré-informático, para meu ex-colega e bom amigo Eusebio Palma, com quem dividi tantas coletivas, simpósios, congressos, numa época em que os taquígrafos ainda eram testemunhas e guardiães da palavra. Agora os gravadores, ou magnetofones, ou lá que merda de nome tiver esse aparelho, nos expulsaram das reuniões de diretoria, dos salões nobres, dos parlamentos, das aulas magnas. Antigamente os sistemas a escolher eram o Gregg, o Pitman, o Gabelsberger, o Taylor e principalmente o que usávamos com entusiasmo, o Marti, insubstituível para o espanhol. Agora, em compensação, os timbres a escolher são Toshiba, IBM, Sony, Philips, Panasonic, UHER, Geloso etc. Nosso trabalho era artesanal, arriscado, exaustivo, sujeito a tensões, pressões e oradores acelerados. Às vezes deixávamos escapar uma palavra, ou uma frase inteira, ou dois ilegíveis e quase impronunciáveis sobrenomes, com nove consoantes e duas vogais, e aí nos dava um nó na garganta; mas e agora, Eusebio, me diz como é que fica, quando o gravador endoidece e apaga meia conferência, que para completar é de um reitor, ou de um vice-presidente, ou de um ilustre e irascível visitante? Não tem coisa mais confiável que a tração a sangue.

Lembra a primeira vez que o Pepe Troncoso apareceu na sessão do Conselho com um gravador, um enorme aparelho recém-importado, e falou todo prosa: hoje este aqui vai trabalhar por mim, e ainda completou, com um sorriso sacana: Quanto a vocês, pobres escravos, vou ver como se esfalfam do alto do meu sossego. E lembra que vinte minutos depois do início da sessão extraordinária começou a sair do reluzente aparelho um líquido verde e viscoso, preludiando uma inefável fumaceira? O Pepe não sabia onde enfiar a cara e à noite não teve outro remédio senão se humilhar e nos pedir nossa suada versão artesanal. Temos de reconhecer que depois vieram outros aparelhos mais confiáveis, justamente os que nos substituíram para sempre.

Apesar disso, caro amigo, devemos à taquigrafia alguns bons momentos. Por exemplo, as viagens por todo o interior que fazíamos com o senador Fresnedo, empenhado a todo custo em divulgar seu novo projeto de Educação

Física. Ele nos carregava na comitiva para que taquigrafássemos seus discursos pretensamente improvisados. Eram todos feitos pelo mesmo molde, e praticamente os sabia de cor, mas não podíamos trapacear, porque, se em Tacuarembó acrescentava uma frase que não dissera em Durazno e na versão já datilografada ousávamos omiti-la, ele percebia no ato e nos insultava com burocrático fervor. Depois de sua recorrente peça oratória, o senador respondia às perguntas do auditório, e era admirável a desenvoltura com que preenchia suas lacunas e disfarçava sua ignorância.

Mas o estimulante nessas viagens não era exatamente nossa condição de ouvintes e/ou escravos. O estimulante era que viajavam conosco algumas estudantes de Educação Física, lindas e musculosas, que em cada cidade, depois da palestra do senador, realizavam uma exibição de ginástica que era sempre muito aplaudida. Claro que o público masculino aplaudia mais a elegância de suas pernas que a destreza de suas atléticas cabriolas. Enquanto elas se exibiam na barra ou nas cordas, nós traduzíamos nossos símbolos taquigráficos e quase sempre acabávamos nosso trabalho ao mesmo tempo que elas seus exercícios. Então íamos todos (inclusive o senador) dançar no clube social do lugar. Lembra ou não lembra? Não era uma maravilha dançar agarrados com aquelas meninas perfeitas? Ainda não tinha chegado a moda do rock e seu distanciamento besta, portanto confiávamos ao venturoso e pausado tango nosso apetite venéreo, que por sinal tinha outra chance nas viagens noturnas de ônibus, quando elas, esgotadas pela ginástica e pela bailada, adormeciam nos braços taquigráficos, agasalhadas por nossa insônia luxuriosa. Nunca vou me esquecer da mais cativante daquelas garotas, que exalava das axilas raspadas um Chanel suarento que embriagava minhas fossas nasais. Não vou entrar em detalhes confidenciais que você conhece melhor do que eu; só queria rememorar alguns benefícios marginais de nosso bendito ofício secretarial.

Deixo para você a velha Underwood como peça de museu, mas também como homenagem à sua espantosa velocidade datilográfica. Nunca vou me esquecer de que, escrevendo à máquina, você sempre foi mais rápido que taquigrafando e que chegou até a ganhar um concurso rio-platense. Curiosamente, você só atingia essa velocidade com a crepitante Underwood; com outras marcas, era muito mais lento. Você e ela voavam. Que inveja! Até hoje sinto um pouco. Só mais uma perguntinha: agora que você é chefe de cerimonial, a velha taquigrafia tem alguma utilidade? Eu confesso que, às vezes,

para não perder o jeito, pratico um pouco na frente da tevê, só para registrar os deslizos de algum ministro.

#### 4

Eu, Rogelio Velasco, com a saúde um tanto combalida e não sei se recuperável, deixo à minha segunda mulher meus braços e minhas pernas, como lembrança de que com uns e outras a envolvi e apertei, a incorporei ao meu território, tive prazer com ela e consegui que também tivesse comigo. Também lhe deixo meus ataques de ogro e minhas carícias de arrependido; minhas vigílias ariscas e meus noturnos de minucioso amante; a melancolia que suas ausências me provocam e o céu aberto que acompanha seu regresso; a garantia de saber que dorme ao meu lado e a certeza de que velará meu último sono.

#### 5

Eu, Rogelio Velasco, deixo também uma música cadenciada e grudenta que minha mãe cantarolava na cozinha enquanto mexia o doce de leite caseiro; deixo um vidro com chuva que me deixava alegremente melancólico; deixo uma insônia com lua crescente e duas estrelas; deixo a sineta com que chamava a esquiva boa sorte; deixo uma tesourinha de aço inoxidável com a qual, ao longo dos anos, fui aparando três ou quatro protótipos de bigode; deixo o cinzeiro de Murano que recolheu incólume as cinzas das minhas frustrações; deixo todos os meus apelidos e meus remorsos clandestinos; deixo uma ficha de roleta para que alguém aposte no 32; deixo o relâmpago da memória, que às vezes ilumina os baldios da minha consciência; deixo o caderno Tabaré quadriculado no qual fui anotando meus vagos pressentimentos; deixo um exemplar do *Quixote* em papel-bíblia, com anotações à margem que testemunham minha tediosa admiração; deixo as abotoaduras de ouro que ganhei no meu segundo casamento e que nunca estreei porque só uso camisa de manga curta;



deixo a coleira de meu pobre cachorro, que morreu há três anos por não conseguir suportar sua viuvez;

deixo um exemplar encadernado da ode ao caralho, única obra-prima do ubíquo bandoleiro que escreveu nosso hino e o do Paraguai;

deixo a antiga calçadeira de cabo longo que uso nas minhas temporadas de lumbago;

deixo minha valiosa coleção de encarquilhadas expectativas;

deixo uma caixinha de cartas recebidas e não respondidas e outra caixinha com cópias das cartas que não me responderam;

deixo um termômetro enigmático e maravilhoso porque sempre foi impossível ler nele a temperatura nossa de cada dia;

deixo o convidativo sorriso da linda mas intocável mulher de um bom amigo que é campeão de caratê;

deixo o único piolho solitário, anacoreta, que há 12 anos se introduziu na minha geografia corporal e do qual dei cabo sem a menor piedade ecológica;

deixo um mapa muito bonito de Montevideú, lembrança de uma época pós-colonial e pré-moon;

deixo meu horóscopo com suas previsões nunca confirmadas;

deixo um mata-borrão com a assinatura (invertida) de um ministro do ramo;

deixo uma concha gigante, recolhida numa praia oceânica, cujo habitante me olhou com a tristeza do seu ódio salgado antes de expirar;

deixo uma antena de tevê que só trouxe inéditos fantasmas para minha tela;

deixo as olheiras da minha hipocondria e os ardis do meu falso esquecimento;

deixo um decilitro de onda atlântica que guardo num vidro verde-azulado para que não sinta saudade;

deixo um sonho erótico e sua verdade nua, por certo inatingível na enroupada vigília;

deixo um tapa feminino, injusto e perfumado;

deixo uma pátria sem hino nem bandeira, mas com céu e chão;

deixo a culpa que não tive e a que tive, que no fim das contas são gêmeas;

deixo minha bússola com o aviso de que o Norte é o Sul, e vice-versa;

deixo minha rua e suas pedras;

deixo minha esquina e sua surpresa;

deixo minha porta com suas quatro chaves;  
deixo minha soleira com tua pisada leve;  
deixo enfim a minha deixoção.

As estações

## As estações

Estão em mim as estações  
como se fossem uma só  
as quatro sempre estão em mim  
são quatro faixas de um abismo  
da aurora até o ocaso  
a chuva o verde o sol o vento  
sem me desvelar estão em mim  
são a missão recém-nascida  
e são os mortos do meu mundo  
minhas ocultas estações  
me fazem feliz/ sofrem em mim  
cada uma delas tem um céu  
e cada céu é um espelho  
que fala de todos e de mim  
as estações se congregam  
se reconhecem e se abraçam  
as quatro sempre estão em mim  
sou seu fervor suas folhas mortas  
seu granizo suas colheitas  
sua porta aberta seus cadeados  
sua insolação seus aguaceiros  
como um destino estão em mim  
as estações se embaralham  
para se mesclar com minha vida  
para se juntar com minha morte  
e então fugir de mim

## Primavera dos outros

Miguel olhou para as próprias mãos, aquelas duas manchas brancas que afloravam do escuro. Seu barraco era o último daquele casario, agora, sabe-se lá por quê, totalmente abandonado. Até onde sabia, o último ocupante voltara para sua Fraile Muerto de origem. Miguel herdara o catre, o fogareiro, uma lanterna sem pilhas, dois banquinhos desconjuntados e um caixote novo em folha que servia de despensa. Sua cuia e sua garrafa térmica eram a única bagagem que trouxera.

Por que naquele buraco? Dentro, tudo era lúgubre, mas fora havia luar. E silêncio. Hoje mendigara na pracinha do monumento. A fêria tinha sido sete pesos e um cartão telefônico. Ele o recebeu das mãos de uma garotinha que lhe avisou: ainda tem saldo para duas ou três ligações. Depois foi embora correndo.

Um mês antes, sua última ligação tinha sido para Cecília: “Estou indo embora, não sei para onde. Não se preocupe. Eu me viro. Em cima da geladeira deixei um adeus.” E o adeus dizia: “Não suporto o mundo. Quero me encontrar. Desta vez a solidão é imprescindível. Não estou louco. Não estou delirando. Hoje quando você enfrentar o noticiário na televisão e vir mais negrinhos esqueléticos do Sudão, jangadas com marroquinos naufragando em Gibraltar, índios do Amazonas empurrados para o próprio fim, cursos básicos de violência juvenil, além da desenfreada e programada destruição da natureza, e depois, no mesmo canal ou no seguinte, a arrogância dos governantes, demo ou autocráticos, dá quase na mesma, exibindo sem pudor sua fome de poder; sua indiferença pelo próximo, singular ou plural, e também os grandes salões da Bolsa, com a histeria milionária dos apostadores; quando vir tudo isso, talvez você entenda por que não suporto mais o mundo. A noção exata da minha impotência, da minha incapacidade diante de tanto desastre, de uma humanidade que se suicida aos poucos, me faz sentir que não tenho o menor direito ao bem-estar, nem à minha profissão, nem ao teu amor, diria até que nem tenho o direito de estar vivo. Mas não se preocupe, não vou me matar. O que não quero para a humanidade também não quero para mim. Mas preciso ir, sumir, ficar a sós comigo, tentar entender esse abandono cósmico, essa catástrofe sem deus, essa dor sem sentido. Teu nome é uma das poucas palavras com sentido que deixo para trás. Talvez minha única tentativa de

arrependimento antes de dar este passo, mas consegui vencê-la. Obrigado para sempre, Miguel.”

Suas próprias mãos, essas duas manchas brancas na sombra, são também um testemunho de si mesmo. Fora, sob a palidez lunar, outros testemunhos comparecem. De trás da quarta casa, irrompe um rapaz. Sua camisa clara, provavelmente branca, atrai toda a atenção da lua, mas ele permanece imóvel, à espera de alguma coisa.

A coisa esperada chega contornando o casebre ao lado. É uma moça, claro. Miguel não chega a distinguir seu rosto, mas vê que a garota é ágil e, ao ver aquele que a espera, caminha lentamente na direção dele e o abraça. O *happy end*, pensa Miguel, de um produto hollywoodiano dos anos 60. Mas o casalzinho não é de celulóide. Agora se dedicam a limpar ligeiramente um espaço entre pedras, quase um leito de grama. Depois começam a tirar mutuamente as roupas. Miguel não consegue afastar os olhos deles, espantado, ainda incrédulo. Mas eles ignoram que contam com uma testemunha involuntária e agem com natural impunidade, como que repetindo um ritual muitas vezes consumado.

Miguel reconhece que, envoltos no luar, aqueles dois corpos jovens, acariciando-se sobre a grama, movendo-se num vaivém terno, compassado, penetrando-se, permanecendo depois unidos num abraço que certamente é cálido, pleno, final; Miguel reconhece que esse conjunto é como uma metáfora, mas também uma razão de ser, uma explicação primária que comunica algo à sua revelia.

Lentamente os jovens voltam para suas roupas, riem, festejam. Miguel não consegue entender o que dizem, mas pelo jeito transbordam alegria. Talvez se trate de uma felicidade instantânea, sem futuro, quem pode saber? Por fim se afastam, abraçados, e Miguel fica outra vez ensimesmado, sozinho em seu desconcerto. Já não olha para as mãos, que afundam nos bolsos e ali só encontram o cartão telefônico.

Então se levanta, sai para a noite. Já não há luar. As nuvens resolveram cobri-lo, ao menos por um tempo. Caminha oito, dez quadras, lentamente, indeciso, como que se contendo. Quando encontra um telefone público, entra na cabine, introduz no aparelho o cartão que recebeu da garotinha e tecla sete números. Do outro lado alguém tira o fone do gancho, e ele pergunta: “Cecilia?”

## Nuvem de verão

De repente explodiu o verão. Alejo gostava de passá-lo e repassá-lo de frente para o mar. O vaivém agradável das ondas, sempre repetido e sempre diferente, voltava a fasciná-lo a cada fevereiro. Com as gaivotas aqui perto e os golfinhos lá longe, ele mantinha uma provocativa e terna relação. Era diferente com o mar, quando as águas se encrespavam e da crista de suas ondas ameaçavam a vida terrestre.

Aos seus 15 anos, o mar o atraía mas também lhe dava vertigem. Ainda não tinha motivos para se suicidar, mas o projeto não o assustava. Quando sua irmã Estela resolveu se matar (tiro na cabeça), ele sofreu muito, não tanto pelo desaparecimento dela, mas porque não lhe contou nada, nem sequer insinuou. No fundo, durante o velório, quando todos rodeavam compungidos aquele corpo jovem, ele sentiu um pouco de inveja. Digamos, de inveja piedosa. Não havia muitos motivos para viver com vontade, pensava. Um deles, sem dúvida, era o mar, mas era também um motivo para morrer com vontade.

Desta vez os pais, ainda não refeitos da perda de Estela (tinham se passado apenas dois anos), deixaram os dois, ele e seu primo Jaime, de 18 anos, na casinha da praia. Mas Jaime ia todos os dias ao centrinho do povoado, e muitas noites às discotecas. Tentava de todo jeito arrastá-lo para essas modestas baladas, mas Alejo foi só uma vez e sentiu um tédio imenso. Lembrou-se de ter lido, num livro de Miguel Hernández que surrupiou da biblioteca do tio Manolo, um poema que se referia à “solidão do hábito”. Tinha virado o verso do avesso e se sentia confortável no “hábito da solidão”.

Alejo mantinha um diário, com anotações quase cotidianas. Quando por fim se afastou do panorama aquático e, depois de comer um bife no bar cafonamente chamado Pepe’s, se recolheu aos seus quartéis de verão, abriu o caderninho do diário e escreveu:

“Devo ser meio esquisito. Não gosto de me divertir. Se aos 15 sou assim, nem imagino como serei aos 30. Minha mãe muitas vezes me olha como se procurasse em mim algum traço que lembre a Estela. Acho que nos parecíamos nos olhos, se bem que os dela eram escuros e os meus verdes. Ah, mas o olhar era o mesmo. Só que ela olhava o Além, e eu, o Aquém.

“Para o meu pai, em compensação, eu sou uma incógnita. Sempre o desnorreei. Como é engenheiro de carreira, queria que eu seguisse o mesmo caminho que ele e com o tempo virasse seu ajudante e depois seu sucessor. Mas eu não sou bom em matemática. Acho difícil, e além do mais inútil. Quantas coisas os antigos e até os antiqüíssimos construíram sem saber regra de três composta e nem sequer a tabuada do nove? Se é verdade que a gente vive várias vidas, eu devo ter sido secretário particular do homem de Neanderthal. Na próxima quero ser guia turístico em Plutão, um planeta que parece ter sua graça. Vai saber como é por lá a solidão do hábito.

“Mas, voltando à Terra, tenho a impressão de que o Jaime sente mais atração por garotos do que por garotas. Problema dele. Cada um é livre para fazer o que bem entender com seu reto. Já eu não me sinto atraído nem por uns, nem por outras. Bom, também não sou um bloco de gelo. Uma vez até me apaixonei. Eu estava com 14 e ela com 13. Fiquei apaixonado porque a menina tinha pele de ébano (só que branca; esquisito, não?) e uns braços que pareciam de árvore. Talvez ela também gostasse de mim. Pelo menos uma tardinha, na hora do ângelus, me falou que eu tinha olhos de áscuas e pés de carícia. Eu não sabia o que queria dizer ‘áscua’ e fui ao dicionário: ‘Áscua: fragmento de qualquer matéria sólida e combustível que sob a ação do fogo incandesce sem chama’. Que meus olhos pudessem ser combustíveis foi uma revelação para mim. Quanto aos meus pés de carícia, ou seja, propensos a acariciar, a verdade é que nunca cheguei a acariciá-la, nem com os pés nem com nada. Ela cultivava seus próprios métodos de fuga, que não eram corpóreos nem palpáveis, e sim verbais. Dizia, por exemplo: ‘Alejo, você tem que entender, eu sou virgem’. E daí? Nunca estive nos meus planos tirar sua maldita virgindade. Eu a teria tocado, claro, e até beijado, por que não? Mas ela usava a virgindade como uma armadura. Eu também era (e ainda sou) virgem, mas nem por isso vivia martelando essa bobagem. No fim me cansou, ou me cansei, não me lembro direito. Depois dessa experiência, nunca mais me apaixonei. Quando uma garota me atrai, antes de mais nada procuro saber (coisa bem fácil) se ela é virgem. Só que aos 13 ou 14 quase todas são. Foi aí que resolvi inaugurar minha atual fase de eremita precoce.

“Embora minha vida seja notoriamente breve, devo admitir que encerra alguns enigmas. Não só para os outros, mas também, e principalmente, para mim mesmo. Por exemplo: de onde ou de quem foi que eu tirei minha indiferença diante dos seres e das coisas? Às vezes eu me sinto como uma ilha,



mas ainda assim me falta o arquipélago. Vejo o mundo através de um biombo, não esmerilhado, mas transparente. Quer dizer: fico sabendo de tudo, mas não participo de nada.

“Outro enigma: como se explica que, mesmo vivendo nessa atmosfera privada tão parecida à tristeza, eu nunca apele ao recurso ou à válvula do choro? Acho que da última vez que chorei eu tinha 10 anos. E não foi por causa de uma dor da alma, mas do corpo: uma moto enlouquecida e gigante esmagou meu pé direito e fugiu costurando o trânsito. Até hoje manco um pouquinho. Depois vieram outras ocasiões para o choro, mas eu não derramei uma lágrima. A mais notória, sem dúvida, foi a morte de Estela, mas nessa noite meu desconsolo era tão imenso que me esqueci de chorar. Talvez toda essa contenção seja saudável, mas para mim é uma carência. Será que o estoque dos meus humildes sentimentos se esgotou? Será que minhas emoções murcharam? Continua no próximo capítulo.”

Alejo guardou o caderninho do diário em sua gaveta pessoal. Voltou a se situar na realidade a seu redor. Atrás da televisão havia uma parede azulejada. Hoje é uma dessas noites de farra compulsória, pensou; portanto, o Jaime deve voltar muito tarde.

Não tinha muita escolha, portanto se sentou na sua cadeira de balanço favorita e ligou a tevê. Expulsos pelo agressivo retângulo luminoso, os azulejos mergulharam nas sombras.

Notícias. *Zapping*. Mais notícias. *Zapping*. Medíocre programa de perguntas e respostas. Os participantes devem dizer os nomes dos planetas. O mais sábio chegou a três: Terra, Marte e Júpiter. Outro, menos informado, disse: Marte e Lua. *Zapping*. Mais notícias. Mas agora Alejo fica estranhamente interessado. A tela documenta a situação no Sudão. O contraste tem seu apelo. De um lado, mostra as ruínas causadas pelo bombardeio norte-americano. De outro, uma multidão de negros prestes a morrer de fome e de sede. Tudo no mesmo país. De repente a câmera enquadra um negrinho esquelético, com braços e pernas que parecem palitos e um olhar que não é inquisidor, nem humilhado, nem penoso, nem lancinante. É apenas um olhar, e já basta. Então o negrinho, fazendo um evidente esforço, consegue levantar um braço, e seu dedo indicador aponta para a câmera, que se detém intencionalmente nesse gesto. O negrinho não tem forças nem para sorrir para o estrangeiro.

Alejo entende que aquele próximo alquebrado está apontando para ele. Então comprova, para sua surpresa, que seus olhos, depois de cinco anos de

seca, estão agora cheios de lágrimas. Alejo chora sem parar, com soluços e até gemidos. Um pranto incontido. E quando o negrinho sai da tela, ele continua chorando. E tem a assustadora sensação de que não chora apenas pela criança esfomeada, mas também pela irmã morta e em última instância por ele mesmo. Ou talvez pelo mundo.

## Revelação de outono

Arturo Rosales, 48, era músico, primeira viola da Filarmônica. A mulher dele, Renata, 43, professora de literatura. Estavam casados fazia vinte anos, mas não tinham filhos. Chegou um momento em que os dois sentiram que sua trajetória estava incompleta; sem crianças, sua vida familiar era apenas a assunção de duas solidões contíguas. Se nunca haviam chegado à troca de acusações, era por dois motivos: primeiro, porque se amavam de verdade, com ternura, e, *last but not least*, porque na cama se davam mais do que razoavelmente bem; segundo, porque eram conscientes de que ninguém tinha culpa.

No final da tarde sempre estavam em casa, exceto quando Arturo tinha ensaio ou concerto (as obrigações docentes de Renata se encerravam mais cedo). No seu particularíssimo vocabulário, aquele espaço constava como “a hora do brinde”: ele tomava um ou dois uísques, e ela, um par de martínis, mas era sobretudo o momento da comunicação intelectual, profissional, artística, ideológica. Ou seja, a melhor parte do dia.

Arturo costumava dizer que tocar como primeira viola era um exercício de modéstia, algo assim como ser cidadão de segunda classe. O cidadão musical de primeira era sem dúvida o primeiro violino. Era a mão dele que o regente apertava quando a sala rebentava em aplausos.

Ainda assim, Arturo estava satisfeito com seu papel secundário, mas imprescindível, e tentava desempenhá-lo da melhor forma possível. Depois de percorrer com seu arco tantos compositores importantes, brincava de buscar uma definição sintética para cada um deles. Por exemplo: Bach era a exatidão; Vivaldi, a graça; Beethoven, a nobreza; Brahms, a profundidade; Mozart, a alegria; Mahler, o rigor; Haendel, a devoção; Paganini, o desafio; Stravinsky, a surpresa.

Renata, por seu turno, divertia-se com aquela distribuição de rótulos, e sua contribuição à brincadeira consistia em achar equivalentes literários, algo assim como complementos para o fichário de Arturo. E como era apenas um passatempo pessoal e despretenhoso, não buscava coincidências cronológicas nem estilísticas, e sim mais espirituais. Para Bach, por exemplo, escolhia Goethe; para Vivaldi, Torquato Tasso; para Beethoven, Cervantes; para

Brahms, Shakespeare; para Mozart, Voltaire; para Mahler, Dante; para Haendel, San Juan de la Cruz; para Paganini, Molière; para Stravinsky, Apollinaire.

Tinham amigos, com os quais, de maneira geral, compartilhavam posições políticas, mas, em compensação, discutiam acaloradamente sobre arte. Trocando em miúdos, levavam uma vida plena e estimulante. Mas lhes faltava alguma coisa.

No dia em que o casal Posadas, que também não tinha filhos, resolveu adotar uma criança e finalmente realizou esse propósito, os Rosales chegaram à sua “hora do brinde” com o tema da adoção na pauta do dia. Durante três horas bordaram toda uma trama de riscos e vantagens. Antes do jantar, a adoção foi aprovada por unanimidade: dois votos a favor, nenhum contra.

Não foi fácil. Houve várias tentativas, mas muitas acabaram em frustração. Além disso, nem sempre havia suficientes garantias sanitárias. Por fim surgiu a chance esperada. Uma jovem solteira, muito sadia, proveniente da alta classe média, tinha engravidado e, apesar das pressões familiares, negou-se a abortar. O pai, zeloso guardião da honra impoluta, acabou aceitando a decisão por razões humanitárias, mas com a condição de que a criança fosse adotada por um casal sem filhos, com currículo compatível, mas com um segundo, inexorável requisito: que nunca se restabelecesse nem se conhecesse o vínculo entre a criança adotada e a mãe biológica.

Os Rosales adoraram a menina (batizada de Florencia) e cumpriram todos os requisitos legais da adoção. Realmente, a incorporação de Florencia mudou a vida de Arturo e Renata, e eles nunca se arrependeram de sua sábia decisão. Florencia, por seu lado, sentia-se amada, incentivada e cuidada.

Fiéis cumpridores do compromisso assumido, Arturo e Renata nunca lhe contaram a verdade. Às vezes discutiam o assunto, porque um amigo psicólogo lhes disse que, para a saúde física e espiritual de uma criança adotada, não era aconselhável seguir interminavelmente pela vida afora com o peso de uma falsa identidade. Os Rosales entendiam o argumento e até concordavam com ele, mas tinham um medo enorme de que essa revelação se voltasse contra eles e acabassem perdendo Florencia. Não podiam imaginar um futuro sem ela e até achavam que a moça tinha claros traços de Arturo e também de Renata. Evidentemente, ela adorava música e livros.

Ao longo dos anos, Florencia avançara a passo firme nos estudos. Tanto no primário como no secundário, sempre foi uma estudante aplicada e brilhante.

Na véspera dos seus 15 anos, estavam os três na sala do décimo andar, com todo o arvoredo do Prado que a ampla vidraça lhes oferecia. Arturo pensou que nunca tinha visto um outono tão esplêndido, no qual se pudesse respirar fundo com tanto prazer. Ainda não se viam muitas folhas secas, mas as que havia pareciam de ouro. Além disso, era evidente que também as árvores respiravam fundo. Como se tudo isso não bastasse, Arturo estava disposto a transformar aquele outono numa metáfora do seu presente, já que tanto ele quanto Renata, nos seus 63 e 58 anos respectivamente, estavam bem instalados no outono de suas vidas. Para completar, a Filarmônica começara justo a ensaiar o luminoso outono de Vivaldi.

Enquanto Arturo saboreava seu outono, Renata cuidava dos preparativos da festinha de aniversário. Quando Arturo tirou a si mesmo do êxtase outonal, Florencia foi se sentar ao lado dele. Arturo se sentiu mais afortunado do que nunca. Acariciou-a com ternura sinceramente paternal e anunciou que na manhã seguinte ela teria uma bela surpresa.

De repente Florencia se levantou e, encarando Arturo e Renata com um sorriso sem malícia, disse o inesperado:

— Quatro dias atrás, fiquei sabendo de uma coisa que eu ignorava a respeito de mim mesma. Agora que já sou grandinha, posso lhes fazer uma pergunta? Como era minha mãe, hein? Como ela era?

Arturo e Renata se olharam, como procurando um impossível socorro no outro. Ele não pôde evitar que, bem no fundo dele, apesar do pânico e de ali não caber nenhuma primeira viola, soassem os fraseios de *Moças no jardim*, de Mompou. Ela, por seu lado, como num entressonho, viu-se lendo a *Sereia adormecida*, de Casona.

Mas a pergunta se instalara para sempre nas três vidas e voltava a soar com implacável insistência:

— Como era a minha mãe? Vocês não vão me dizer como ela era?

## O inverno próprio

No dia em que completou 80 anos, o professor Aníbal Esteban Couto esteve rodeado de filhos, filhas, noras, genros, netos, sobrinhos. Essa ampla unidade familiar o contentou. Pelo caminho tinham ficado sua mulher e uma filha, e era doloroso lembrar delas, mas as outras presenças de certo modo compensavam aquele castigo não merecido.

Quando chega a hora de todos partirem, nem passa das dez. Amanhã cedo cada qual tem suas obrigações: colégios, escritórios, universidades, gabinetes, balcões, computadores. Ele não: a solidão não tem nenhuma obrigação. Nem sequer a de recolher na sala (que depois do vendaval familiar lembra as ruínas de Pompéia) copos, jarras, taças, garrafas, pratos, bandejas, travessas, xícaras etc. Afinal, amanhã vem a Encarna, que três vezes por semana se empenha em pôr toda saudável desordem em patológica ordem.

Então se acomoda junto à escrivaninha, defronte à biblioteca, aliás imponente. Durante a reunião com seu clã privado, tomou apenas meia taça de champanhe para acompanhar o brinde, puxado pelo único genro de quem ele gosta. Mas agora escolhe seu copo pessoal, de verde cristal de Jena, e serve uísque (escocês, rótulo preto) com três cubos de gelo.

A biblioteca também é uma família. É verdade que ele passou longos anos preparando aulas, cursos, palestras, seminários, conferências, ou seja, lendo, com linha e rumo predeterminados, enquanto fazia anotações e confrontava textos, citações, bibliografias. Sempre sentiu falta de um espaço de liberdade para sua vocação de leitor; mas leitor sem programa estabelecido, com títulos escolhidos ao acaso e o espírito aberto à fruição, ao deleite diante do talento alheio.

Nunca se sentiu inclinado a encarar por conta própria uma obra narrativa ou poética, nem sequer uma extravasão autobiográfica, como as que costumavam escrevinhar alguns de seus colegas universitários, tão seguros de si. Sua biografia está nele, nem retorcida nem tediosa, e não é suficientemente lasciva nem divertida para ser contada.

Agora, já aposentado, dispondo afinal de todo o tempo, seus olhos já não o obedecem como antes, também envelheceram. Ele ainda consegue ler com a ajuda de óculos (faz oito ou dez anos tentou usar lentes de contato e não

conseguiu), mas logo se cansa, tem dor de cabeça, os olhos ficam irritados, enfim, não vale a pena.

Mas a biblioteca está lá, como uma testemunha. Da sua cadeira de balanço, não consegue ler as letras de cada lombada, mas reconhece a maioria dos livros pela cor, pelo formato, pela encadernação ou pelo logotipo, ou então (e nisso é especialista) por suas marcas de velhice. Não se levanta para confirmar suas suposições. Prefere adivinhar, e se não acerta, bom, não faz diferença nenhuma. É a única ginástica que lhe resta.

Como uma testemunha. Afora os dicionários, há livros que ele nunca abriu (não muitos), embora ao comprá-los tivesse a firme intenção de lê-los; mas não chegou a vez deles, continuam na fila. Às vezes pensava que talvez nas férias, mas nas férias era chamado para dar cursos de verão, aqui e acolá, e depois toque de novo a preparar textos, aulas, seminários, além das malas. Mesmo assim, sempre roubava alguma horinha de sono para ler sem esquemas prévios.

Afinal, a biblioteca é sua verdadeira autobiografia. Aqui e ali aparecem livros ligados a algum fato ou sentimento, decisivo ou banal, de sua vida. Nunca se decidiu a arrumar seus milhares de volumes em ordem alfabética de autores, portanto a alusão é caótica.

Por exemplo, *Coração*, responsável pelo maior choro de sua infância. E *Madame Bovary*. Quando Flaubert declara que madame Bovary é ele próprio, pode entender perfeitamente, já que ele também é madame Bovary. Mas, por via das dúvidas, nunca tornou pública essa identificação.

E também *El ombligo del mundo*. Engraçado, mas a única coisa que se lembra dessa obra é que seu autor é um poeta equatoriano. É a palavra *umbigo* que revive nele uma peripécia que julgava esquecida. Aventura mais ou menos pueril, durante uma viagem profissional a Helsinki. Anos 50, já casado, solitário como um falso asceta num inverno cruel. Por isso mesmo, foi maravilhoso fazer amor com aquela Vênus nórdica (já não se lembra se norueguesa, sueca ou finlandesa, mas que era excelente intérprete simultânea) num quarto do sétimo andar de um hotel (\*\*\*\*\*) quase elegante, com boa calefação e uma ampla janela que registrava, como numa tela, a pausada, melancólica queda dos flocos de neve. No final dos finais, ela lhe deu seu endereço, e ele, já em Paris, lhe mandou um postal que dizia apenas: “Em homenagem ao umbigo mais lindo do mundo.” Daí a reminiscência daquele título.

Logo acima está o *Fausto* (não o de Estanislao del Campo, mas o de Goethe). Reconhece que nunca conseguiu ler o livro até o fim. Para ele, seu mérito é estar ligado à memória de um filme, talvez alemão, bastante fáustico, *O estudante de Praga*, em que o protagonista faz um pacto diabólico e vende sua imagem no espelho. Assistiu à fita no início da adolescência e, por algum tempo, sempre que encarava um espelho, temia que sua imagem não aparecesse. Mas seus temores se mostraram infundados: ao desprevenido, inocente luar, sempre comparecia seu rosto de rapazote acanhado e espantadiço.

No outro extremo está *Scoundrel time*, terceiro tomo da esplêndida trilogia de Lillian Hellman. Aníbal Esteban reconhece que ela dá nome e sobrenome aos bois. Sempre invejou essa coragem que ele nunca teve para apontar os canalhas do seu tempo.

Estranhamente, ele não conquistou a mulher com os versos comoventes de Neruda (*Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, terceira prateleira do quarto lance), mas com poemas de Vallejo (*Obra poética completa*, segunda prateleira do terceiro lance), que não tinham nada a ver com o amor, e sim com seu redobre aos escombros de Durango. Quando leu para ela, em um tom quase confidencial: “Pai pó, sandália do pária,/ Deus te salve e jamais te desate,/ pai pó, sandália do pária”, ela estava com seus lindos olhos cheios de lágrimas, e então ele a consolou beijando-os. Quer dizer que beijou seus olhos antes de beijar seus lábios.

E lá está o velho, surrado exemplar de *Más allá*, de Quiroga, com um conto terrível, “El hijo”, que foi como o anúncio da morte de sua filha, também acidental, também com um tiro. Já se passaram 38 anos, e ele ainda não conseguiu aceitar essa desgraça. Enquanto mexe os lábios úmidos para pronunciar mais uma vez “Laurita”, fixa os olhos na prateleira inferior da estante, onde está *La mort*, de Maeterlinck. Apesar de suas lacunas, ele ainda guarda memória das várias hipóteses do autor a respeito da morte. Como Maeterlinck, ele também fica com a última.

Apesar de tudo, sua declarada condição de agnóstico vacila quando ele pensa, como se estivesse defronte a uma encruzilhada: “O que haverá depois?” Passado esse aceno de última curiosidade, o professor Aníbal Esteban Couto sente um repentino cansaço. Então fecha os olhos. Provavelmente, não voltará a abri-los.



## Colofão

## O acabou-se

Trago meu pés descalços para entrar no século  
essa comarca cifrada/ ainda ilusória  
vamos não estreá-la com quimeras exangues  
e sim com dolorosa alegria

a realidade aceita o acabou-se  
enquanto a memória se desvela e se ordena  
a fronteira está aí/ pródiga em zeros  
com fome sede penas emboscadas  
e nascimentos ávidos/ enchentes/  
afinal acreditamos em tão poucos milagres  
que sequer vale a pena enumerá-los

somos os estrangeiros de um século velho  
pródigo em obsessões e ruínas e disfarces  
hábitos e confianças e utopias  
que fizemos com amor/ desfizemos com sanha  
quando este século acabar e nascer o outro  
talvez nos falte o ar envelhecido  
a que estávamos tão acostumados

somos os exilados sobre o novo  
sem autorização nem privilégios  
dispersos nos meandros do acaso  
com as velhas saudades aprendidas  
os melhores rancores malogrados  
porém com a tristeza refrescante  
que já ninguém apaga e nos comove  
que é coisa nossa porque foi de outros  
de todos e um por um

o século não leva as confusões  
seguem escuras frágeis e mesquinhas  
com insônias maciças/ fora de época

os sonhos outra vez desmantelados  
e a névoa virtual que nos impede  
ver-nos de frente no tempo das pazes

cada século é um mito ou um escândalo  
no entanto só ao findar nos deixa atônitos  
sem saber o que houve/ o que está havendo  
o que ficou atrás em cada nunca  
qual é o mundo real/ o que se apaga  
ou que nos deixa o coração sem deuses

somos os emigrantes/ os pálidos anônimos  
com a ímpia e carnal centúria às costas  
onde é que amontoaremos o legado  
das mil perguntas e perplexidades?  
quem vai nos amputar as discrepâncias?  
em que porto em que acaso em que crepúsculo  
vão desfechar seu século os venais  
para brindar como íntegros e livres?

fomos os sentinelas das imundícies fósseis  
que jogaram no mar/ e que esqueceram  
e agora nos espera o lixo fresco  
que hão de perdoar ou fazer cinza

quando surgir o sol que traz presságios  
não vai valer a antiga contra-senha  
você e eu seremos os suspeitos  
por termos escapado do suicídio/

agora mal nos resta um punhado de dias  
e outro de noites com seu céu em chamas

logo virão os loucos do poder  
refinados/ traiçoeiros/ um bocado canibais  
senhores das montanhas e dos vales  
de toda inundação e todo sismo  
tremendos justiceiros sem justiça  
caridosos e tacanhos

trago cartas favores exigências  
para postar no correio do tempo

dali sairão com tímidos destinos  
para o futuro e suas provocações  
à procura de coisas não acháveis  
seja abismo de amor ou pico de ódio

no correio do tempo cantam pássaros  
baladas de talvez/ prognósticos de chuva  
correspondendo-se à correspondência  
com um censo de medos e coragens

no correio do tempo as palavras  
fragmentam-se em sílabas e prantos  
outras se juntam como peixes  
fugidos da sua margem  
e há algumas que se reconhecem  
pelas navalhas do silêncio

eu trago os pés descalços para entrar no século  
e o coração despido e a sorte sem asas  
vamos não estreá-lo com quimeras exangues  
e sim com a dor da alegria